

Jill Mansell

Romance Atribulado

Tradução de Isabel C. Penteadó

A presente obra respeita as regras do Novo Acordo Ortográfico.



CHÁ DA CINCO
Livros com sexto sentido

Outros títulos da autora:

A Felicidade Mora ao Lado

A Pensar em Ti

Doce Vingança

Irresistível Tentação

Uma Oferta Irrecusável

Resistir ao Amor

*Para a Lydia e para o Cory, apesar de estarem
fartos de ter livros dedicados a eles.
Azar, aqui vai mais um.*



Capítulo 1

A vista daquele local era espetacular, mas Millie Brady não conseguia deixar de se indagar sobre o porquê de Neil a ter arrastado até Tresanter Point naquele dia. Ele não costumava ser do tipo admirador-de-paisagens.

Ao lado dela, no lugar do condutor do seu MG verde-esmeralda afetuosamente restaurado, Neil pigarreou.

— Bem, eu estive a pensar que já estamos juntos há um bom tempo. — Agarrando subitamente na mão dela, Neil começou a acariciá-la como se de um cachorrinho nervoso se tratasse.

De repente, Millie começou a ter uma vaga ideia do que ele poderia estar realmente a pretender. Oh, bolas! Oh, céus! Por certo não... por certo ele não estaria a preparar-se para a pedir em casamento...

— Também não é assim há tanto tempo — acrescentou ela apressadamente. — São só três meses.

— Mas damo-nos bem, não damos? E o senhorio não se tem mostrado muito entusiasta da renovação do contrato de arrendamento do nosso apartamento. Parece-me que ele nos quer de lá para fora. — Como se tratava do apartamento que Neil dividia com quatro amigos, Millie não estava minimamente surpreendida. A casa era uma pocilga indescritível.

— Por isso o que eu pensei foi, como já somos praticamente um casal... Millie, estás a ouvir-me?

— Hum? Desculpa. — Millie obrigou-se a prestar atenção; tinha sido momentaneamente distraída pela chegada de um luzidio Mercedes laranja-torrado ao miradouro no topo do penhasco. Como o carro tinha chiado ao travar, Millie não tinha podido deixar de reparar que o condutor — uma mulher de óculos escuros — tinha um cabelo desordeiramente encaracolado exatamente do mesmo tom laranja-torrado do carro.

Estava a fumar um cigarro a um ritmo alucinante. E não parecia estar nada feliz, reparou Millie quando a mulher tirou os óculos escuros e começou a ordenar uma fiada de retângulos brancos sobre o tablier, como se estivesse a dar as cartas num jogo.

Presta atenção. Vá lá, concentra-te, repreendeu-se Millie mentalmente. *Se alguém te está a pedir em casamento, o mínimo que podes fazer é ouvir, é uma questão de educação.*

— Ok, que tal se deixasses o teu apartamento e arranjássemos um para nós? — Neil olhou triunfantemente para ela, o seu suplício terminado. Pronto, tinha conseguido. Tinha dito o que tinha ido ali dizer. Agora Millie só tinha de ficar extasiada e dizer que sim.

Então ele não estava a pedi-la em casamento, constatou Millie com um suspiro de alívio. Não ia haver aquela treta romântica de joelho no chão, seguida da exibição de uma caixinha de joalharia em veludo contendo um anel de noivado. Nada de igreja, nada de lua-de-mel, nada de votos solenes, nenhuma dessas lamechices, ah, não. Neil tinha-se decidido pela opção mais barata e prática, basicamente porque estava prestes a ser expulso da sua residência e porque preferia espetar alfinetes em brasa nos olhos do que ter de passar uma camisa a ferro ou ter de lavar louça.

Só tenho vinte e cinco anos. A vida tem de ser mais do que isto.

De qualquer maneira, o que seriam aqueles retângulos brancos no tablier do Mercedes? E não deveria a mulher de cabelo castanho-acobreado — agora fora do carro — ver melhor por onde ia? A forma como deambulava tão próxima do precipício era uma imprudência completa, pensou Millie com reprovação; não saberia ela que se escorregasse e caísse sobre as rochas sessenta metros abaixo, poderia *morrer*?

— Não estás a dizer nada — queixou-se Neil. — Pensei que ias dar pulos de alegria. Não teres de partilhar mais aquela casinha acanhada com a Hester...

— Não é uma casinha acanhada — respondeu Millie meio alienada. — E eu gosto de partilhá-la com a Hester.

— Mas íamos viver juntos. Isso significa que as minhas intenções são sérias. Íamos ser um *casal* a sério.

O vento soprava os caracóis cor de cobre para o rosto dela, mas quando ela levantou uma mão para desviar o cabelo dos olhos, Millie viu que estava a chorar. Também lhe pareceu que a mulher tinha algo de familiar, mas daquela distância era impossível ter a certeza.

Só que havia ali qualquer coisa que não estava bem. A mulher continuava a andar de um lado para o outro, fumando furiosamente e parando de vez em quando para espreitar lá para baixo. Normalmente, num miradouro, as pessoas sentam-se num dos bancos atenciosamente fornecidos para o efeito e admiram a vista estupenda. Millie não conseguia deixar de pensar que aquela mulher estava a agir mais como uma atleta olímpica de salto em altura que se prepara mentalmente para a terceira e última tentativa para bater o recorde mundial...

— Ok, tudo bem, se não *queres* que vivamos juntos, é contigo — disse Neil bruscamente, largando-lhe a mão. — Qualquer rapariga normal teria ficado entusiasmadíssima, mas tu não; eu devia ter adivinhado que te ias armar em difícil. Que estás à espera que eu faça? Que implore?

Oh, céus, ela estava mesmo a preparar-se para saltar!

Só que não para cima, pensou Millie com um ataque de horror. Tardiamente, lembrou-se que Tresanter Point não era apenas um famoso lugar bonito. Também tinha alguma reputação enquanto local preferencial de suicídios resultantes de desgostos amorosos.

Uma obsessão para potenciais suicidas.

Aquela mulher estava a planear saltar lá para *baixo*.

— Qualquer rapariga normal ficaria lisonjeada — continuava Neil, irritado. — Qualquer rapariga normal teria ficado radiante, garanto-te. Francamente, não posso acreditar que estejas a ser tão ingrata, o que me parece é que ainda não te apercebeste do bom partido que eu sou... Eh! Onde vais? Que raios estás a fazer agora?

Millie já tinha saído do carro e estava a correr o máximo que podia através do terreno cheio de erva áspera. A mulher estava naquele momento de costas para ela, absorta, a tentar acender um segundo cigarro com a beata do primeiro. O vestido comprido de algodão cor de anil oscilava fortemente em redor das suas pernas, que eram claras e estavam descobertas. O longo cabelo cor de cobre, chicoteado pelo vento forte, ondeava atrás dela como uma bandeira.

Parando abruptamente ao lado do Mercedes, Millie viu que estava certa. Os retângulos brancos dispostos no tablier eram de facto envelopes, cada um com um nome diferente.

Ou a mulher ia enviar convites para uma festa ou tratavam-se de bilhetes de suicídio.

Ok, muito bem, não posso entrar em pânico, pensou Millie, entrando em pânico.

E agora?

BEEEEP!

Assustada, a mulher à beira do precipício virou-se. E Millie também.

— Que raios achas que estás a fazer? — gritou-lhe Neil mal-humorado do MG.

— Não há problema. Estou só a... a pedir lume. — Millie disse a primeira coisa que lhe passou pela cabeça. Enquanto Neil batia exasperado no volante do MG, ela virou-lhe as costas e ficou pela primeira vez cara a cara com a mulher que estava prestes a Acabar-Com-Tudo.

Millie teve a sensação de que se parasse para pensar no que deveria

dizer, e se o que iria dizer estaria certo ou errado, acabaria por ficar com a língua feita num nó e demasiado assustada para dizer fosse o que fosse.

Consequentemente, a única forma de agir foi mergulhar de cabeça.

— Então? — Millie olhou fixamente para os olhos verde-mar inchados da mulher. — Tem? — Os olhos verde-mar inchados observavam-na como se ela fosse doida?

— Tenho o quê?

— Tem lume?

— Claro que tenho lume. — A mulher deu irritadamente uma passa no seu Marlboro e bufou uma coluna de fumo que foi imediatamente desfeita pelo vento.

— Então? Podia dar-me lume? — insistiu Millie.

— Podia. Mas não me parece que você tenha cigarro.

— Mas você, sim. Ok, podia dar-me lume e um cigarro? — Millie não se atreveu a pensar se estaria a soar tão completamente ridícula como desconfiava que estava.

A outra mulher suspirou e atirou descontraidamente o Marlboro para o precipício. Este foi levado pelo vento, executando cambalhotas preguiçosas no ar. Millie imaginou um corpo fazendo o mesmo antes de se esborrachar horrivelmente nas rochas negras batidas pelas ondas.

Socorro, ela sentia-se nauseada só de pensar.

— Olhe, eu sei o que está a tentar fazer — a mulher suspirou, — e agradeço o gesto, querida, a sério, mas não há necessidade. — Enquanto falava, os olhos verdes encheram-se de novo de lágrimas. Os dedos trémulos abriram atrapalhadamente a tampa do maço de Marlboro e quando ela extraiu desajeitadamente outro cigarro, os restantes deslizaram para o chão espalhando-se em volta dos seus pés como pauzinhos de Mikado.

Millie ajudou-a a apanhá-los. As pálpebras inchadas e a falta de maquilhagem tinham inicialmente disfarçado a mulher com eficácia, mas Millie reconheceu-a naquele momento. Cascatas de cabelo acobreado, olhos verdes, o relógio Cartier e aquela distinta voz rouca... Tratava-se de Orla Hart, uma das romancistas mais bem-sucedidas do país. Agora no final da casa dos trinta, tinha escrito uma série de livros de ficção glamorosa nos últimos quinze anos e fizera com isso uma fortuna considerável.

Clique, fez o isqueiro quando Orla acendeu o terceiro cigarro em sete minutos. Aquela não seria provavelmente a melhor altura para a alertar que fumar podia fazer muito mal à saúde e provocar aquelas desagradáveis pequenas rugas verticais sobre o lábio superior, concluiu sensatamente Millie.

— Olhe, — Orla gesticulou desesperadamente por cima do ombro,

— eu estava aqui sossegada à espera que você e o seu marido se fossem embora. Não podiam ir agora? — disse ela esperançosamente. — Eu ficaria muito grata, muito mesmo.

— Oh, fantástico, — disse Millie, — e onde acha que isso me levaria? Para o psiquiatra o resto da vida. Era onde eu ia parar. Quer dizer, como é que se sentiria se me deixasse aqui e eu saltasse deste penhasco? — Levantou interrogativamente as sobrancelhas a Orla Hart.

Angustiada, Orla abanou a cabeça.

— Não serve de nada. Você não compreende.

— Ok, então é melhor explicar-me. Porque eu não saio daqui enquanto não me explicar. — Sentando-se de pernas cruzadas no chão, Millie deu umas pancadinhas encorajadoras na erva ao seu lado. Enquanto o fazia, ouviram ambas o som de um motor a começar a trabalhar e embalar irritadamente atrás delas. Logo em seguida, o MG fez uma abrupta inversão do sentido de marcha, regressou à estrada numa explosão de gravilha e afastou-se ruidosamente.

— Céus, lamento imenso! — resmungou Orla.

— Agora é que não vou definitivamente a lado nenhum. — Millie encolheu os ombros e deu de novo umas palmadinhas na erva.

— Sinto-me pessimamente.

— Não se sinta. Ele também não é meu marido. Apenas namorado. Bem, — corrigiu Millie, — agora provavelmente será ex-namorado.

— E a culpa é toda minha. Tome um cigarro.

Mortificada, Orla ajoelhou-se ao lado de Millie, abriu o maço amarrado e só faltou enfiar uma mão-cheia de Marlboros na boca dela.

— Não, obrigada, eu não fumo. E não me importo que ele seja meu ex. — Apercebendo-se que não podia deixar cair sobre os ombros de Orla Hart o peso da responsabilidade pelo que tinha acontecido, Millie sorriu. — Na verdade, fez-me até um favor. É um alívio.

— Sortuda. Por não se importar. — Orla contraiu os lábios e o queixo começou a tremer.

Sentindo-se subitamente corajosa — e pronta para se lançar sobre a outra caso de repente ela tentasse atirar-se do penhasco —, Millie disse: — Então o problema é esse? É por causa de um homem?

— Um homem — concordou Orla, desanimada. — Não passa disso. Oh, meu Deus, devo estar bonita! Por acaso não terá aí um lenço?

Por uma grande sorte, Millie tinha um lenço de papel limpo no bolso das calças de ganga. Sentindo-se ainda mais corajosa quando Orla aceitou o lenço e assoou ruidosamente o nariz, disse: — Marido?

Orla tinha dizimado o fraco lenço de uma só vez. Limpando os olhos à bainha do vestido anil, acenou afirmativamente com a cabeça.

— Não quero armar-me em engraçada, querida, mas sabe quem eu sou? — Por breves instantes, Millie considerou abanar a cabeça. Tê-lo-ia feito se não fosse tão péssima a mentir.

— Bem, não a reconheci logo, — admitiu, — mas agora sei quem é. — Orla conseguiu fazer um sorrisinho triste.

— Então recordar-se-á provavelmente de todas aquelas coisas horríveis que saíram na imprensa há alguns meses acerca de o meu marido ter um caso extraconjugal.

Cautelosamente, Millie disse: — Bem... mais ou menos.

— Com uma mulher mais nova, que espanto. Chama-se Martine Drew. Tem vinte e sete anos. — Orla aspirou com tanta força o cigarro que quase o inalou todo. — Mas eu amo o meu marido, por isso perdoei-o. Fiz tudo o que pude para salvar o nosso casamento, incluindo sair de Londres e comprar uma casa aqui. E o Giles ficou feliz com a mudança. Disse que não tinha passado de um deslize sem importância e que ela não significava nada para ele. Ele j-jurou que e-estava tudo acabado.

— E não está — palpitou Millie.

— E não está — esfregou Orla, esfregando as faces pálidas e salgadas. — Estava eu esta manhã a conversar descontraidamente ao telefone com uma das minhas velhas amigas de Londres e ela contou-me que tinha ouvido dizer que a Martine estava agora a viver na Cornualha. — As lágrimas escorriam pelo rosto de Orla enquanto ela mordida o nó do dedo indicador direito como uma criança. — Bem, isso diz tudo, não é? O Giles nunca acabou com ela. É óbvio que a coisa tem continuado este tempo todo. Ele trouxe-a para cá e instalou-a numa *encantadora* casinha de campo. — A palavra saiu disparada como uma bala. — Ah, sim, e pode apostar que ele está a pagar a renda com o meu dinheiro.

Millie sentia-se tão indignada com o que estava a acontecer a Orla que pela primeira vez na vida estava sem palavras.

Reparando nisso, Orla fungou e fez mais um sorriso amargurado.

— Eu sei, é irónico, não é? Orla Hart, rainha do sucesso romântico. Passei a vida inteira a criar romances maravilhosos e finais fabulosamente felizes, e o tempo todo o meu próprio casamento estava uma autêntica porcaria. Oh, Deus, não vale a pena, não vou conseguir, estou tão infeliz que SÓ QUERO MORRER!

Credo.

— Certo — disse Millie, algo atrapalhada. — Bem, percebo porquê. Então... fez um testamento?

Orla fitou-a, estupefacta.

— O quê?

— Um testamento. «Por este meio lego os meus bens materiais ao san-

tuário local dos macacos e cinquenta mil dólares por ano ao meu gerbilo de estimação».

— Claro que não fiz testamento. — Orla estremeceu. — São mórbidos.

— Então vai dar muito jeito — disse Millie. — Se você saltar agora deste penhasco, o seu marido vai herdar *todo* o seu dinheiro e a sua casa, e ainda vai poder manter a amante no seio da abundância o resto da vida dela. Já agora, porque não corre simplesmente até ali — espetou o polegar por cima do ombro, indicando o lustroso Mercedes laranja-torrado, — e coloca um enorme laço dourado em volta daquele seu carro caríssimo, porque a namorada do seu marido vai pôr as mãozinhas suadas naquele volante enquanto o diabo esfrega um olho. Provavelmente irá com ele ao seu funeral, — continuou Millie, visualizando tudo na sua mente, — e em menos de um fósforo vão estar a casar-se!

— Nãããão! — gritou Orla Hart, agarrando-se à barriga e começando a baloiçar-se para a frente e para trás em desespero. — Ele não pode casar com ela, *não pode!*

— Não vai estar por cá para o impedir. — Millie encolheu os ombros. — Eles vão poder fazer o que bem entenderem, porque você vai estar morta. E não olhe assim para mim, — continuou, — porque eu estou apenas a ser sincera, a constatar os factos. Pessoalmente, eu não me mataria, não lhes daria essa satisfação. Ficaria por cá e concentrar-me-ia em fazer da vida deles um inferno!

Orla abanou miseravelmente a cabeça.

— Você não compreende. Eu amo o Giles, mais do que *tudo*. *Não quero* perdê-lo.

— Mas vai perder, se estiver morta — disse Millie.

— Caramba, você é brutal. — Soltando um suspiro, Orla fechou os olhos.

— Olhe, você pode escolher. Pode ficar e lutar pelo seu casamento, se é o que quer. — Millie pensou com os seus botões que ela seria louca em querer manter-se ligada a um homem que parecia ser tão horrível. — Ou pode dar-lhe um pontapé e encontrar outro, maior, melhor e mais agradável em todos os aspetos. Assim, seria você a última a rir-se.

— Ah, ah — parodiou Orla com uma espetacular falta de entusiasmo. — Isso tem *tanta* probabilidade de acontecer!

— Mas é possível.

— Sabe qual é o seu problema? Tem lido demasiados romances de má qualidade.

— Ora, os seus romances não são assim tão maus — protestou Millie.

— Obrigada. — Milagrosamente, a boca de Millie começou a tremer.

— Mas eu não estava a falar dos meus.

Envergonhada, Millie agitou as mãos num gesto de desculpa. O passo em falso tinha sido sempre uma especialidade sua.

— Ok, desculpe, mas não mudemos de assunto. Ainda preciso que me prometa que não se vai matar. E não deve mesmo fazer isso, porque só estaria a prejudicar-se a si mesma para se vingar de alguém.

Na realidade, se Orla se atirasse de Tresanter Point para as rochas abaixo, estaria a fazer muito mais do que a prejudicar-se. Ia haver membros e órgãos internos espalhados em todas as direções e, de seguida, gaviotas gananciosas gritariam deleitadas enquanto mergulhavam para apanhar pedaços de carne com os seus bicos.

Millie interrogou-se se deveria referir isso a Orla. Ajudaria, ou seria a última gota?

Por sorte não teve oportunidade de descobrir.

— Ok, você venceu — disse Orla Hart. Secando os olhos à bainha do vestido azul-escuro, sacudiu o cabelo para trás e levantou-se. — Tem razão. Vale a pena lutar pelo meu casamento. Não vou deixar aquela pega gananciosa estragar tudo.

Ufa. Ainda bem. Sentindo os músculos da barriga relaxarem lentamente, Millie disse encorajadoramente: — Vai conseguir, sei que vai.

Quando chegaram ao Mercedes — destrancado e com a chave ainda na ignição —, Orla passou a mão pela fiada de envelopes dispostos sobre o tablier e enfiou-os no porta-luvas. Olhou para Millie.

— Onde mora?

— Newquay.

— Isso fica a cinco quilómetros daqui. Como é que aquele seu suposto namorado achava que você ia regressar a casa?

Millie encolheu os ombros.

— Foi por isso que eu tive de a convencer a não se atirar do penhasco. Para poder dar-me uma boleia.

Capítulo 2

*B*em, lá se vai a teoria, concluiu Millie recostada na banheira enquanto brincava com a correia da tampa do ralo com os dedos dos pés. Lá se ia o programa que tinha visto três meses antes a defender as alegrias do casamento arranjado.

Na altura parecera-lhe uma ótima ideia. Millie tinha ouvido, transfixa, a argumentação da bonita jovem muçulmana, que explicava alegremente o porquê de um casamento arranjado ser o único a seguir. Afinal, era só olhar para a taxa de divórcios entre os ocidentais, que casavam por amor. Um desastre, um desastre absoluto. E reforçava a ideia de que o que toda a gente *devia* fazer era arranjar par, esquecendo a treta da química e permitindo que o amor crescesse *gradualmente*.

Como a última dúzia de namorados tinha sido um autêntico desastre, Millie tinha dado por si a acenar vigorosamente com a cabeça em sinal de concordância para o ecrã de televisão e a concordar com tudo o que era dito. E quando, uma semana depois, Hester se tinha oferecido para lhe conseguir um encontro às cegas com um amigo de um amigo, porque «Eu sei que vocês dois vão dar-se bem», ela respondera imediatamente que sim.

Quando conhecera Neil, Millie constatara — também de imediato — que não o achava minimamente atraente. Mas não fazia mal, tudo bem, porque também não era suposto. A atração era proibida, lembram-se? Desta vez o seu amor ia desabrochar lentamente, como uma flor. Todas as coisas que Neil fazia e que a irritavam solenemente iriam — no devido tempo — parar de ser irritantes e, em vez disso, tornar-se excentricidades adoráveis.

À exceção de ele sorver ruidosamente o café como um aspirador industrial, que — Millie tinha de ser sincera neste ponto — nunca iria tornar-se uma excentricidade adorável.

Mas a experiência não tinha resultado. Três meses decorridos e a flor de Millie não corria risco de desabrochar. Na verdade, ela desconfiava que lhe tinha calhado uma semente estéril.

Uma semente realmente muito estéril.

— Chá e torrada — cantarolou Hester quando a porta da casa de banho se abriu. Triunfantemente, acrescentou: — E quero saber da história toda!

— Que história? — Millie emergiu e desviou o cabelo louro do rosto, espantada com a sensibilidade das antenas da amiga. Como poderia Hester saber que ela passara a tarde a convencer a famosa escritora Orla Hart a não se atirar de Tresanter Point?

— Desta vez não a deixes cair dentro da banheira. — Hester baixou a tampa da sanita, sentou-se em cima de perna cruzada e entregou-lhe o prato com a torrada. — Não ouviste a campainha da porta mesmo agora?

— Não. — Millie calculou que na altura estivesse submersa. Ou isso, ou a cantar de uma forma escandalosamente alta. Céus, ela esperava que não fosse Orla Hart à porta.

Só que isso não era assim muito provável, pois não? Já que Orla Hart não sabia onde ela morava.

— Era o Neil. Com a tua mala.

— Oh. — Millie anuiu com a cabeça, aliviada. A mala tinha ido no carro de Neil quando ele partira apressadamente, abandonando-a no topo do penhasco com a Orla Põe-Um-Fim-A-Tudo.

— Ele atirou-a praticamente para cima de mim quando eu abri a porta — queixou-se Hester. — E posso garantir-te que não parecia entusiasmado.

— Pois. Realmente não esperaria que estivesse.

— Sabes o que ele disse em seguida? — Hester inclinou-se para a frente, indignada.

— Não. — Para ser prestável, Millie disse: — Eu estava na banheira, lembras-te?

— Ele disse que vinha devolver a tua mala, não que a merecesses, e que és uma cabra mimada e convencida, uma vaca egoísta que se acha o máximo mas que não és, ok?

— Ok — disse Millie. — Céus!

— Bem, como podes imaginar, fiquei chocada. — Hester olhou duramente para ela. — Eu disse: estás a falar da Millie Brady? Tens a *certeza* de que é a Millie?

— E ele tinha a certeza — palpitou Millie.

— Sem dúvida. Mais, está acabado, ok? Está tudo acabado. Ele não quer voltar a ver-te nunca mais, disse que és uma cabra ingrata, que queria nunca te ter conhecido, que tens uma grande lata por te achares melhor que os outros... ah, e disse também que essa coisa na tua perna *não é* atraente, na verdade, que é um corte autêntico e que tu devias saber perfeitamente que só as vadias é que fazem tatuagens.

— Bem, agora sei com certeza. — Millie conseguiu fazer um sorriso

valente. Ela achava que devia merecer, já que saltara do carro de Neil num momento crucial daqueles, sem sequer dizer obrigada-mas-não-obrigada. Era lógico que ele tivesse ficado ressentido.

Mas a última chacota, a parte acerca da tatuagem, tinha-a afetado particularmente. Millie submergiu instintivamente na água numa tentativa de esconder a decoração na coxa direita por debaixo de um monte de bolhas de espuma. Ter feito uma tatuagem num momento de rebeldia tinha decididamente sido algo de que se arrependera.

Já era suficientemente mau saber que tinha uma tatuagem embaraçosa sem ter de ouvir que a fazia parecer uma autêntica vadia.

— É apenas uma suposição, — disse Hester, — mas estarei certa ao pensar que não és exatamente o sabor do mês para o Neil?

— Se contares com o sabor a larva em vinagre. — Millie fez uma careta.

— Porquê?

— Ele pediu-me para ir morar com ele.

— E tu disseste que não?

— Eu não disse nada. Saí simplesmente a correr do carro.

Hester beliscou um pouco de torrada. — Então está tudo acabado?

— Tudo acabado.

— Bem, se queres saber a minha opinião, acho que foi uma sorte. Eu sabia que aquela cena muçulmana nunca iria funcionar.

Millie encolheu os ombros.

— Pelo menos tentei.

— Estás transtornada?

Realmente, havia com cada uma.

— Claro que não estou transtornada! Se eu quisesse viver com ele, tinha-lhe dito que sim.

— Ainda assim. — Hester bebericou o chá e tentou parecer solidária. — Ficaste um pouco desnorteada, não foi? Do que precisas é de uma distração.

— Que tipo de distração?

— Do tipo animador. Já sei, podemos dar uma festa! Uma festa de inauguração da casa.

Millie revirou os olhos.

— Hess, vivemos aqui há dois anos e meio.

— A sério? Caramba, o tempo voa quando nos divertimos. Ok, então vamos sair para uma boa farra de sexta-feira à noite. — Hester saltou cheia de entusiasmo do polido tampo de madeira da sanita, derramando chá sobre o tapete da banheira. — Vamos sair pela cidade, comemorar o teu rompimento com o idiota do Neil, engatar centenas de surfistas lindos e divertir-nos como nunca... uma noite que jamais esqueceremos!

...

Bem, pelo menos tinha sido esse o plano. Mas as saídas à noite eram mesmo assim, recordou Millie algumas horas depois quando descalçou os sapatos demasiado apertados e os enfiou no saco. Ela nunca sabia que noite ia acabar por ter. Era uma coisa completamente aleatória. Podia passar pelo bar apenas para beber um copo, vestida com a horrível indumentária do trabalho e com um cabelo pavoroso, e acabar milagrosamente por ter uma noite divertidíssima.

Mas também, no outro extremo da balança, podia passar quatro horas a aperaltar-se e sair finalmente com adrenalina a correr-lhe nas veias como Eddie Irvine e com as expectativas ao rubro... e para quê? Precisamente. Uma treta.

O que, como é óbvio, tinha sido exatamente o que acontecera naquela noite. Oh, elas tinham-se divertido, percorrido os bares mais badalados de Newquay e encontrado montes de pessoas conhecidas. Mas, no fim de contas, tinha sido uma decepção.

Tinha sido como espreitar para o sapatinho na manhã de Natal e encontrar um abastecimento de peúgas para um ano inteiro...

A moral da noite tinha, indubitavelmente, sido: podemos conhecer um surfista bem-parecido mas não podemos pô-lo a pensar.

Tinha sido uma noite dolorosamente desprovida de neurónios, reconheceu Millie com tristeza.

— Ai, os meus dedos! — Saltitando pelo chão, agarrando-se a uma caixa de correio pelo caminho, Hester massajou os pés. Ela sabia por uma amarga experiência própria que se tirasse os sapatos, os atiraria para o meio da sebe mais próxima. — Mas, mesmo assim, aquele tipo de cabelo preto aos caracóis no Barclay Bar não era mau, pois não? Gostaste dele? — O tipo de cabelo preto aos caracóis no Barclay Bar tinha pontuado cada frase com «Tás a topar?»

— Não, — disse Millie, — não gostei. Era horrível.

— Achei-o querido. — Hester encostou-se a um poste de iluminação e descalçou os sapatos de salto alto. — Oh, que maravilha... assim está *muito* melhor.

— Não os descalces.

— Tenho de descalçar, tenho mesmo.

— Então não os atires fora — pediu Millie, embora não percebesse porque é que estaria a preocupar-se com tal coisa. Hester tinha feito aquilo uma centena de vezes, atirando os sapatos para o arbusto ou jardim mais próximo em vez de os levar para casa. Por vezes, no dia seguinte, refazia o mesmo caminho à procura deles. Se os sapatos ainda lá estivessem, ela lançava-se sobre eles, deleitada, e tratava-os como filhos

pródigos regressados. Se não os encontrasse, dirigia-se à esquadra da polícia, onde já era bem conhecida, para ver se algum teria sido devolvido. Não que alguma vez isso tivesse acontecido, mas Hester gostava de seduzir quem quer que estivesse de serviço na altura. E os agentes pareciam gostar.

E, claro, depois disso Hester tinha a desculpa perfeita para sair em busca de um novo par.

— Tu gostas desses, são os teus preferidos. — Millie tentou impedi-la, mas já era demasiado tarde, Hester já estava a atirá-los fora. O primeiro sapato de pele vermelho e preto voou pelos ares, cintilando sob a luz do poste de iluminação. Quando bateu no chão, Hester lançou o segundo sapato de salto agulha, largando o salto demasiado cedo. Este disparou como um foguete para o meio do arbusto ao lado delas e...

— Miauuuuuu!

— Oh, céus, — as mãos de Millie voaram até à boca em consternação, — acertaste num gato!

Igualmente horrorizada, Hester exclamou: — Foi sem querer! Foi um acidente... oh, por favor, não me digas que o matei...

Incapaz de olhar, tapou os olhos com as mãos enquanto Millie rastejava para debaixo do arbusto.

— Está morto? Está morto? — perguntava lamuriosamente Hester atrás dela. — Não acredito nisto, assassinei um gato! Oh, socorro, estou a sentir-me mal...

Em seguida ouviu-se um restolhar de folhas e um gato branco deslizou direito a Millie, investigando-a com elaborada precaução antes de roçar a cabeça contra os dedos que ela tinha estendido e começar a ronronar.

— Estás bem. O gato está aqui e está bem — gritou Millie. Nada de sangue, nem ossos partidos, nenhum ferimento aparente; o barulho que tinha feito parecia não ter sido mais do que um miado de alarme.

— Ufa, ainda bem! — Hester soltou um enorme suspiro de alívio. — Pensei que o tinha matado. — O gato estava naquele momento atarefado a lambar a mão de Millie. Estava definitivamente ileso. Ciente de que estava ajoelhada sobre um tapete húmido de folhas, Millie começou a recuar de debaixo do arbusto. Enquanto o fazia, o pulso esquerdo roçou contra algo macio.

— Cuecas brancas de algodão — queixou-se Hester atrás dela, evidentemente já recuperada do choque. — Saíste esta noite com umas simples cuecas brancas de algodão. Sinceramente, não admira que não tenhas conhecido ninguém de jeito.

Levantando-se de forma atabalhoada, Millie puxou a saia para baixo e sacudiu folhas húmidas do cabelo.

— Eu não estava propriamente a planear mostrar as minhas cuecas a ninguém.

— Não se trata disso. É um estado de espírito. Se usarmos lingerie sexy, sentimo-nos automaticamente mais atraentes, por isso os homens vão achar-nos automaticamente mais atraentes e, sem darmos conta, já temos hordas deles colados aos nossos saltos...

— Ao contrário de ti, porque acabaste de atirar os teus fora — salientou Millie. — Bom, mas deixa lá as minhas cuecas. Olha o que encontrei debaixo da sebe.

Quando ela estendeu a mão que embatera na carteira, Hester lançou-se sobre ela com um guincho de deleite.

— Uau! E se estiver cheia de dinheiro?

— Hester, não! — Horrorizada, Millie arrancou-lhe a carteira das mãos. — Não podemos roubar o dinheiro de outra pessoa.

— Não podemos? — Hester fez uma expressão de desânimo. — Ok, acho que não. Tu e os teus escrúpulos. — Puxou tentadoramente o braço de Millie. — Pensa bem, pode estar cheia de massa. Imagina se a abrisses e encontrasses cem mil libras lá dentro. E quem alguma vez saberia que a encontrámos? — Gesticulou para a rua escura e deserta. — Podíamos comprar um Ferrari e ainda ficávamos com muito para comprar sapatos.

Millie encostou a carteira à face. A pele macia e desgastada estava fria e húmida e cheirava a húmus; a carteira estava claramente ali há já algum tempo.

— Vamos entregá-la na esquadra da polícia — anunciou com firmeza.

— Não! — Hester soltou um gemido; a esquadra da polícia ficava na direção oposta. — Estou cheia de dores nos pés... estão a arder... oh, por favor, não vou aguentar!

Uma imagem mental de Hester rastejando de gatas pela cidade passou pela cabeça de Millie. Não apenas rastejando, mas lamuriando-se sem parar. Que se tramassem os campeonatos de surf; se Newquay decidisse alguma vez acolher o campeonato mundial de lamúrias, Hester venceria sem qualquer dificuldade.

Enfiando a carteira na mala, Millie disse: — Levamo-la amanhã.

Capítulo 3

Quando chegaram a casa era meia-noite e Hester ainda fantasiava alegremente como iria gastar o conteúdo de uma carteira se alguma vez tivesse a sorte de tropeçar numa que contivesse cem mil libras.

Só que naquela altura já ia precisar de vinte vezes esse montante.

— E umas férias, é claro, tenho de tirar umas férias, talvez ir até à Florida, sempre quis fazer uma viagem até à Disneylândia... oh, e um anel! — Bateu as palmas de alegria com a ideia. — Um com um diamante massivo do tamanho de uma bola de pingue-pongue, tão pesado que eu mal consiga levantar o braço. — Enquanto falava, Hester tirava uma garrafa de Chenin Blanc do frigorífico, mimando a impossibilidade de erguer a garrafa e de usar simultaneamente o maior diamante do mundo. — Deus, isto vai ser complicado. Não sei como conseguirei conduzir o meu Ferrari, o peso deste anel vai arrastar-me a mão do volante...

— Oh, céus. Pum! — disse Millie, que estava encostada ao micro-ondas.

— O quê?

— Tu. A caíres de regresso à Terra. — Tendo aberto a carteira, acenava-a agora a Hester. — Quinze libras.

— Quinze? — A expressão de Hester foi de completa desilusão. — Só?! Tens a certeza? — Millie não só tinha a certeza como estava aliviada. Hester podia ser terrivelmente persuasiva quando queria. E estavam ambas na falência.

Na sala de estar, cada uma com o seu copo de vinho branco, debruçaram-se sobre o conteúdo da carteira.

— Ah! E ele chama-se Hugh! Perfeito para ti! — exclamou Hester, agitando, encantada, um dedo a Millie. Depois, espreitando para o nome completo na carta de condução, abanou a cabeça em sinal de repúdio. — Hugh Emerson, espero que saibas que não passas de um reles forreta.

— Mas um reles forreta de bom coração — protestou Millie, ignorando o comentário. — Olha, cartão de dador de órgãos. Isso compensa o facto de não ter dinheiro.

— Fala por ti. *Nada* compensa não se ter dinheiro.

— Cartão da gasolina, American Express, Barclaycard — cantarolou Millie, exibindo-os como se fosse uma mão de póquer. — Não te entusiasmes, neste momento ele já os deve ter cancelado.

— Cartão do videoclube, — Hester continuava a vasculhar o conteúdo, — passe de comboio, recibo do Computerworld... Céus, Hugh, és um autêntico totó! Vê se arranjas uma vida, meu! Que idade tens? — Voltou a olhar para a carta de condução. — Vinte e oito, por amor de Deus! Devias andar com preservativos e não com passes de comboio. Que espécie de rapaz de vinte e oito anos não tem um preservativo escondido num canto da carteira?

— Hum... a espécie casada? — Millie tinha encontrado a foto enfiada entre dois recibos de gasolina. Ergueu-a para que Hester visse.

— Céus!

— Hum. Então qual é o veredicto final sobre o homem da carteira? Agora já não é tão totó? — Examinaram mais atentamente o casal na fotografia. A rapariga, na casa dos vinte, era surpreendentemente bonita. O cabelo escuro caía-lhe em redor do rosto enquanto ela ria para a máquina fotográfica, os olhos cintilavam divertidos e ela tinha o corpo de uma modelo. Usava três coisas: um biquíni, uma flor de hibisco escarlate presa atrás de uma orelha e um anel no terceiro dedo da mão esquerda. Entretanto, a mão direita estava ocupada a fazer orelhas de coelho atrás da cabeça do companheiro. Hugh — tinha de ser Hugh — tinha uma toalha de praia verde-esmeralda enrolada em volta das ancas, um par de óculos escuros que lhe escondiam os olhos e um cabelo com madeixas louras revolto pelo vento. Alheio às orelhas de coelho que espreitavam atrás da sua cabeça, estava a sorrir largamente com um copo de uma bebida aparentemente tropical na mão estendida para a câmara. A outra mão estava em volta da cintura fina da rapariga.

— Ugh! — gemeu Hester. — A imagem da felicidade. Não te dá náuseas?

— Mas não lhe podes chamar totó. Tens de admitir, ele é lindo.

Ufa! Constatando que estava em risco de se babar, Millie recostou-se no sofá. Hugh podia estar de óculos escuros, mas não havia como disfarçar aquela aparência.

— Tem a mania — bufou Hester. — Os dessa espécie têm sempre a mania, acham que são uma bênção de Deus. Aposto como ele a trai.

— És mesmo cínica — queixou-se Millie. — Não sabes, podem ser o casal mais feliz do mundo. *Parecem* ser o casal mais feliz do mundo.

— Homens destes nunca são fiéis. Não sabem o significado da palavra. — Hester abanou a cabeça. — Enganam as mulheres só pela diversão, só porque podem.

— Nesse caso, porque não tem ele nenhum preservativo escondido na carteira?

— Ah, provavelmente usou o último há pouco tempo.

Millie olhou para a morada na carta de condução. — Ele é de Londres. Deve ter perdido a carteira enquanto estava aqui a passar férias.

— Ainda bem — disse Hester. — É bem feito por ter sido infiel.

Millie olhou novamente para a foto; relutantemente, decidiu que Hester teria provavelmente razão. Ela tinha saltado instintivamente em defesa de Hugh porque queria muito acreditar que ele era dedicado à mulher e completamente fiel.

Mas era o mesmo que querer acreditar no monstro do Loch Ness. Podia-se acreditar o quanto se quisesse, mas o mais provável era não existir tal coisa.

Quando bebia o resto do vinho, ocorreu-lhe que sabia até bastante sobre Hugh Emerson... o sacana encantador, traidor e eloquente.

Mas não deixava de ser generoso, lembrou a si mesma. De outra forma, não estaria preparado para ceder quaisquer órgãos úteis em segunda mão na eventualidade da sua morte.

— Nunca confies num homem com melhores pernas que as tuas — afirmou Hester. Quem a ouvisse não desconfiaria que tinha um namorado completamente bom. Nat era encantador em todos os aspetos, sendo a única desvantagem as horas desgastantes que passava no restaurante onde trabalhava como chefe de cozinha.

Mais, é claro, o facto de o restaurante em que trabalhava se encontrar a cerca de oitocentos quilómetros de distância, em Glasgow.

Descontraidamente, Millie voltou um dos cartões-de-visita de Hugh Emerson. Tinha o número do telemóvel. E ali mesmo, por uma incrível coincidência, estava o telefone delas.

— Que estás a fazer? — perguntou Hester.

— Parece-me educado informá-lo que encontrámos a carteira dele.

— Então porque é que estás a esforçar-te tanto para não rir?

Millie lançou-lhe um olhar inocente.

— Não há razão para não nos divertirmos um pouco primeiro, pois não?

Era meia-noite e meia hora, mas o telefone foi atendido ao segundo toque. Realmente, não era provável que libertinos atraentes de vinte e oito anos estivessem enfiados na cama a dormir profundamente à meia-noite de uma sexta-feira, refletiu Millie.

Na cama, talvez, mas definitivamente não a dormir.

— Estou? Estou? — sussurrou ela quando ouviu uma voz masculina do outro lado da linha. — Hugh, és tu?

— Sim. Quem fala? — A voz era grave e indiscutivelmente atraente, traindo uma ponta de diversão. Era típico dos sacanas com lábia, tinham sempre vozes sedutoras que persuadiam qualquer uma a tirar as cuecas.

Desde que não fossem cuecas brancas de algodão da Marks & Spencer, corrigiu Millie silenciosamente. Até o sedutor mais dedicado seria capaz de estabelecer esse limite.

— Oh, Hugh, ainda bem que consigo encontrar-te finalmente! Daqui fala a Millie, lembras-te? Conhecemo-nos naquela festa em Fulham.

— Millie. — Quando ele repetiu o nome, ela quase conseguiu vê-lo franzir o sobrolho. — Desculpa, não estou a ver. De que festa estás a falar?

Ah, claro que ele não podia lembrar-se, ia a tantas festas. Provavelmente a três ou quatro por noite.

— Foi há cinco meses, mesmo antes do Natal. Deves lembrar-te — insistiu Millie. — Eu era a de vestido vermelho com lantejoulas de lado. Conversámos um bocadinho e depois tu levaste-me para o primeiro andar e...

— Desculpa — interrompeu Hugh Emerson com um sorriso na voz. — Estás a falar com o homem errado.

— Hugh, por favor, não digas isso!

— Estou a falar a sério. Não sei onde conseguiste este número, mas garanto-te que não fui eu.

— Chamas-te Hugh Emerson e vives em Richmond Crescent. Tens vinte e oito anos — recitou Millie, ligeiramente histérica, — e tens cabelo louro e umas pernas fabulosas.

— Mas...

— E uma marca de nascença na barriga, mesmo à esquerda do teu umbigo — disse Millie com voz triunfante quando Hester apontou para a fotografia.

Nitidamente surpreendido, Hugh Emerson disse: — Olha, há decididamente aqui alguma confusão.

— Não tentes negar — protestou Millie. — Não podes fingir que não aconteceu nada, Hugh, porque aconteceu mesmo. Eu estava na festa com a minha amiga Hester e tu estavas lá com a tua mulher ou namorada ou quem quer que ela seja... uma miúda bonita, cabelo escuro comprido, não me recordo do nome dela...

— Escuta lá...

— Não, Hugh, escuta-me tu. — Millie apressou-se a chegar ao fim do discurso antes que se desmanchasse a rir. — Tu levaste-me para o quarto e seduziste-me e eu não vou deixar-te escapar desta. Estou grávida, Hugh. Estou à espera de um filho *teu*.

Esta informação foi recebida com um adequado silêncio de estupefação.

Por fim, Hugh disse: — Olha, lamento mesmo, mas não estás.

— Oh, eu já devia saber que tu ias fazer isto! Filho da mãe! — lamuriou-se Millie. — Primeiro enganas a tua mulher e agora estás a tentar escapar com o rabo à seringa! Diz-me, ela sabe o que andas a fazer nas costas dela?

Mais uma pausa.

Depois: — Estás a falar da Louisa?

— Essa mesmo. — Millie sorriu em triunfo para Hester. — Sim, é esse o nome dela. Louisa.

A voz de Hugh Emerson mudou num instante. Toda a afabilidade inicial desapareceu. Agora estava como se se tivesse aberto a porta de um congelador.

— Ok, não sei quem diabos tu és, ou porque estás a fazer isto. Mas, para tua informação...

— Não estou a ouvir — sussurrou freneticamente Hester quando a voz dele baixou ainda mais. Puxando o cotovelo de Millie, ciciou: — Não consigo ouvir nada. O que se passa?

CLUNNKKK. Millie bateu com o auscultador. Pálida e chocada, olhou fixamente para Hester.

— Que foi? Que foi?

Millie não conseguia falar, estava demasiado ocupada a encolher-se. A sua pele estava, na verdade, completamente arrepiada de vergonha.

— Para de olhar para mim assim — queixou-se Hester. — O que foi que ele disse?

Millie sentia-se nauseada. Baixou a cabeça, constrangida.

— Ele e a Louisa estão separados há oito meses.

— Pois, o que foi que eu te disse? Separaram-se porque ele lhe foi infiel.

— Não foi por isso — disse Millie. — Separaram-se porque ela morreu.

Hester deu um abraço a Millie antes de ela se ir deitar.

— Vá lá, anima-te, tu não sabias que ela tinha morrido.

Millie abanou a cabeça.

— Sou mesmo uma idiota.

— Era apenas uma partida — consolou-a Hester.

Ah, sim, e que rica partida acabara por ser.

— Estou tão envergonhada. *Tão* envergonhada.

— E eu estou contente por teres tido o bom senso de bloqueares o teu número — disse Hester descontraidamente. — Pelo menos ele não vai conseguir localizar-nos e vir atrás de nós de espingarda em punho.

Hester subiu para o quarto mas Millie permaneceu na sala, horrorosamente ciente de que não ia ser capaz de dormir. Não conseguia parar

de pensar no telefonema. O seu cérebro não parava de repetir as palavras numa espiral interminável. A forma como os modos de Hugh Emerson se tinham alterado tão abruptamente — e quem podia censurá-lo? — provocava-lhe arrepios de mortificação coluna abaixo.

Como não havia forma possível de arranjar coragem para entregar a carteira na esquadra do bairro, Millie escreveu um bilhete rápido numa folha em branco (isto é, totalmente não incriminatória).

*Querido Hugh,
Um milhão de desculpas pelo telefonema. Encontrámos a
tua carteira e tentámos pregar uma partida que correu terrivel-
mente mal.
Atentamente,
Amargamente Envergonhada.
P.S.: Desculpa, desculpa, desculpa...*

Antes de começar a atormentar-se sobre se o bilhete seria suficiente-mente apologético, Millie empacotou-o junto com a carteira e todo o conteúdo, escreveu a morada de Hugh na frente e colou o stock de selos de correio prioritário no topo do pacote.

Às duas da manhã, desesperada por livrar a casa de provas, correu de pés descalços até ao fim da rua e enfiou a encomenda no marco do correio.

Capítulo 4

Uma semana depois, Hester chegou do trabalho em estado de choque.
— Não vais acreditar nisto.

— O Richard Branson foi à feira, viu a tua banca e contratou-te imediatamente — arriscou Millie. Hester, que vendia brincos do estilo barato, alegre e, por vezes, completamente excêntrico, nunca seria eleita Mulher de Negócios do Ano. — Ele quer que tu lideres o seu novo império de joalheria, Virgin Baubles.

— Muito engraçadinha. Tenta de novo. — Desta vez, para ajudar, Hester levou as duas mãos ao peito, mimando palpitações.

— Vais limpar as janelas, lavar a carpete e lavar a minha parte da louça.

Isso era ainda mais improvável; Millie não esperava que tal acontecesse realmente.

— Presta atenção, está bem? — gritou Hester. — Isto é um desmaio. Um desmaaaio. Percebes? Olha para mim. — Revirou dramaticamente os olhos, como Rodolfo Valentino. — Eu estou para aqui a desmaiar como nunca desmaiei antes.

— Ok. Deste de caras com o Jim Davidson na rua e ele disse: «Oi, Hester, minha querida, podes fazer-nos um favor? Estou coberto de chocolate dos pés à cabeça e ficaria *extremamente* agradecido se o lambesses todo».

Hester tinha uma paixoneta inexplicável por Jim Davidson. *The Generation Game* era o ponto alto do seu programa televisivo semanal.

— Errado — disse Hester. Mas com o mais puro tom de pesar.

— Ok, então desisto.

— Ele voltou.

Quem? O Arnold Schwarzenegger como Exterminador Implacável?

Logo em seguida, Millie adivinhou. A ligeira mas inconfundível ênfase na palavra Ele tinha sido denunciatória. Olhou para Hester, a quem só faltava começar aos pulos.

— Oh, céus! — Millie sentiu o coração cair-lhe aos pés, não conseguiu evitar. — É o Lucas, não é? O Lucas Kemp.

No que dizia respeito a paixonetas sérias, Lucas punha Jim Davidson

a um canto. A um canto com uma camisola de rede descaída. Durante os anos de crescimento febrilmente hormonais de Hester, Lucas Kemp tinha sido o grande amor da sua vida. A maior parte do tempo, tinha tratado Hester com divertido desinteresse. Mas, ocasionalmente, quando estava para aí virado e momentaneamente sem namorada, prestava-lhe um pouco de atenção, dançava com ela nas festas, acompanhava-a a casa depois de estar com ela na marmelada, esse tipo de coisa.

Isto, é óbvio, só fizera Hester amá-lo ainda mais. O próprio facto de Lucas poder tratá-la com tanta indiferença provava sem sombra de dúvida que ele era melhor que ela e que ela não merecia estar com alguém tão fabuloso.

Lucas Kemp era selvagem e carismático, tinha uns alegres olhos verdes e uma inclinação provocatória na boca. Naqueles tempos ele usara o cabelo escuro ondulado comprido e calças de ganga apertadas. A aura do perigo que o envolvia tinha sido — na opinião de Hester — impossível de resistir.

Mas, pensou Millie, isso já fazia muito tempo. Haviam passado seis anos desde que Lucas deixara a Cornualha pelas luzes mais brilhantes de Londres. Ele podia agora ser barrigudo e magro de braços, podia trabalhar num banco e jogar bowling nos tempos livres e possuir todo o carisma de um tubo de vaselina.

Podia *mesmo*, pensou Millie.

Embora fosse improvável.

— Podes falar. — Hester parecia chateada. — Algum tipo de reacção seria bom.

Tudo bem.

— E o Nat?

— Oh! — exclamou Hester em repúdio. — Eu já devia saber que ias dizer algo do género. Tinhas de o trazer à baila, não era?

Ser sensata não era uma das características de Millie, mas ela sabia que naquele momento tinha de ser a voz da razão. Hester tinha perdido por completo o controlo das rédeas.

— Vem cá, senta-te. — Deu umas palmadinhas no lugar ao seu lado no sofá desgastado. Hester, ainda saltitando de um pé para o outro como uma criança a precisar de ir à casa de banho, não era uma visão repousante. — O Nat é um amor, sabes que é. Esperaste anos para alguém como ele aparecer. Não estragues tudo agora.

Hester fitou-a.

— Quem diz que vou?

— Hess, olha bem para o teu estado!

Elas eram amigas há demasiado tempo, era esse o problema. Millie

conhecia-a por dentro e por fora. Sentando-se, Hester disse: — Ok, ok, eu sei que é estúpido, mas não consigo evitar sentir-me assim.

— O Nat é tão fixe — lembrou-a Millie. — É bom para ti.

— Ah! Queres dizer como salada, galinha cozida e um copo de água mineral com gás? Mas não conseguimos viver *disso*, pois não? Por vezes temos de ter algo perverso e maravilhoso como um balde de leite-creme.

Como Nat trabalhava como chefe de cozinha, a comparação era adequada, mesmo que também fosse injusta. Mas o facto de ele ser tão ambicioso também não ajudava. Ter aceitado de imediato a oportunidade de trabalhar como cozinheiro no L'Amazon em Glasgow não tinha propriamente facilitado o caminho do verdadeiro amor.

Teoricamente, Hester tinha compreendido porque ele precisara de ir, concordando que era necessário para o currículo de Nat e era uma oportunidade maravilhosa para ganhar experiência a trabalhar num dos melhores restaurantes da Escócia, com as suas duas estrelas Michelin e um cozinheiro chefe impressionantemente arrogante.

Ah, sim, ela não tinha tido mesmo problema nenhum com o facto. Em princípio.

Mas os princípios de Hester tinham começado a sofrer algum desgaste nos últimos meses. Ela sentia imensa falta de Nat. Ele trabalhava demasiadas horas, seis dias por semana. E, muito como Deus, no sétimo dia Nat tinha desfalecido e passado o dia na cama a dormir profundamente. A última visita que ela lhe tinha feito tinha sido uma dispendiosa e profundamente frustrante perda de tempo.

Basicamente, Hester tinha descoberto que se pode amar muito alguém mas continuar a querer bater-lhe com um despertador pesado na cabeça quando essa pessoa estava ao seu lado às duas da tarde de domingo a roncar como um porco.

Enquanto que Lucas estava não só ali na Cornualha, como *acordado*.

— Tens razão, eu sei que tens — admitiu Hester. — Não quero perder o Nat.

Ela não queria, realmente. Nat era divertido, descontraído, leal e fantástico na cama. Quando não estava a dormir.

Raios, porque teria Lucas de aparecer naquele momento?

— Ok, — disse Millie, — quanto dinheiro não te podes dar mesmo ao luxo de perder?

— Duas libras e cinquenta.

— Estou a falar a sério.

— Vinte libras.

— Não chega. Duzentas. — Millie estava resoluta.

— Estás doida?! — Horrorizada, Hester gritou: — Não posso decididamente dar-me ao luxo de perder duzentas libras!

— Ótimo, é mesmo esse o objetivo. Então é melhor não perderes a nossa aposta.

— Uma aposta? Que tipo de aposta?

— Entre nós duas. — Millie estava encantada com a ideia que acabara de lhe surgir; como estava no momento totalmente desprovida de homem, não constituía problema. — Nada de sexo na Cornualha. Quem ceder primeiro, perde a aposta.

— Isso não é justo! — Hester soltou um guincho de alarme. — E se o Nat tirar um fim de semana de folga?

— Ele não vai tirar. Sabes bem disso — recordou-lhe pacientemente Millie. — Mas se voltares a Glasgow, podes dormir com ele lá — acrescentou generosamente. — Foi por isso que eu disse nada de sexo na Cornualha. Para nenhuma de nós. E nada de atravessar a fronteira para o lado de Devon. Se fizeres isso, tens de pagar.

Hester deu umas risadinhas.

— O que lhe vais chamar, o Celibato?

— Chama-lhe o que quiseres. Mas — Millie acenou-lhe com um dedo, — aviso-te já que vou levar a aposta a sério.

— Ok, combinado. — Talvez estivesse a precisar daquela ameaça, decidiu Hester, daquele impulso para a manter no bom caminho. Além do mais, se ela e Lucas fossem para a cama, como é que Millie descobriria?

Pegando na mão de Millie, Hester deu-lhe um aperto firme e decidido.

— Nada de sexo na Cornualha.

— E nem penses em mentir-me, — avisou Millie, — porque eu vou acabar por saber.

Tanta complicação e Hester nem sequer tinha ainda posto os olhos em cima de Lucas. A notícia de que ele estava de regresso à Cornualha tinha sido transmitida — tanto quanto Millie tinha conseguido perceber — via uma das raparigas que tinha a banca da feira ao lado da de Hester, que tinha ouvido dizer na cabeleireira, que tinha a certeza que era verdade porque a namorada do amigo do irmão trabalhava numa das agências imobiliárias como consultor.

Como Lucas estivera falido quando saíra de Newquay seis anos antes, tal novidade era um desenvolvimento promissor na opinião de Hester. Ele tinha nitidamente conseguido subir na vida. Ela mal podia esperar para se cruzar com ele e ver pelos próprios olhos se ele estava tão lindo como se lembrava.

...

— Estás a usar um exagero de maquilhagem para uma tranquila manhã de segunda-feira na banca.

Millie não resistiu a salientar o facto no dia seguinte quando Hester apareceu na cozinha. Por regra, Hester preferia o aspeto «cara lavada» juntamente com calças de ganga e a primeira T-shirt a sair da secadora de roupa. Naquele dia, por contraste, ela tinha escolhido botas de pele pelo tornozelo, umas calças de veludo preto e um top branco de renda. Também parecia estar a usar o conteúdo de uma pequena fábrica da Rimmel no rosto.

— Apeteceu-me aperaltar-me para variar. — Hester tentou um tom despreocupado, sem grande sucesso.

Millie ergueu uma sobranceira sobre a borda da chávena de café.

— Para a eventualidade de o Lucas Kemp aparecer na feira à procura de um par de brincos com lantejoulas?

— Ora, não sejas tão má — gritou Hester. — Posso querer estar no meu melhor, não posso? Lá porque não vou ter sexo com ele não significa que queira que ele me veja toda desmazelada.

Millie indagou-se se Lucas queria ver Hester com a aparência de Danny La Rue. Ela estava realmente a usar muita máscara nas pestanas.

— Café?

— Não posso. Estou demasiado nervosa.

A ranhura do correio soou naquele momento, fazendo Hester saltar.

— Conta da eletricidade — disse Millie ao regressar da entrada.

— Ugh, não a abras!

— E um postal do Nat.

Millie achava que era uma coisa maravilhosamente romântica de fazer. Quando Nat terminava os turnos no L'Amazon, era já madrugada, demasiado tarde para ligar a Hester. Por isso ele começara a escrever mensagens — afetuosas ou engraçadas — em postais e a enviá-los pelo correio.

Aquele tinha uma imagem de um gato com ar preocupado agarrado a uma raqueta de ténis. Por baixo estava escrito: «É Preciso Coragem». Millie achou piada, mas tudo o que Hester fez foi olhar de relance e suspirar.

— Serve-me de muito, um postal. O que é que é suposto eu fazer? Ficar em casa todas as noites a ler esta parvoíce?

— Hess, não sejas injusta. São apenas seis meses.

— Às vezes, — Hester parecia irritada, — seis meses parecem demasiado tempo para se estar abandonada.

Sentindo-se corajosa, Millie disse: — O Lucas Kemp abandonou-te durante seis anos.

— Não é a mesma coisa. — Hester estava indignada. — Ele não me pediu para esperar por ele.

— Mas também não te mandou postais nenhuns, pois não? Nem postais de aniversário nem de Natal. Desapareceu simplesmente. — Ele nem sequer tinha sido namorado de Hester, estava Millie prestes a salientar, mas por aquele andar ia acabar por chegar terrivelmente atrasada ao trabalho. Em vez disso, levantou as mãos em sinal de trégua. — Olha, isto não faz sentido, já estamos a discutir sem jeito absolutamente nenhum. Porque tu não vais dormir com o Lucas Kemp.

Hester esbugalhou os olhos, imagem da inocência.

— Claro que não.

Claro que ela estava a mentir com todos os dentes que tinha.

— Além do mais, — disse Millie, — quem disse que ele ainda é solteiro? Pode já ter assentado com mulher, um Labrador e quatro filhos.

— Nãããão! — Hester soltou um gemido de consternação. Tal coisa não lhe passara pela cabeça. Lucas *não podia* estar casado.

Millie encolheu os ombros e agarrou na mala.

— Foi só uma ideia. Não que isso te faça alguma diferença.

Hester conseguiu reunir algum orgulho. — Claro que não.

— Mas, por outro lado, — acrescentou Millie maliciosamente, — ele...

— O quê? O quê?

— Ele pode ser gay.

Capítulo 5

A Fleetwood's, pequena agência de viagens independente onde Millie tinha trabalhado no último ano, era gerida pelo casal Tim e Sylvia Fleetwood. Eles precisavam de mais uma pessoa para os ajudar mas isso não significava que tivessem de ser simpáticos. No primeiro dia de trabalho, Millie tinha sabido pela mulher da padaria ao lado que nunca ninguém conseguia ficar lá mais que alguns meses. Tim e Sylvia eram como unha e carne. Usavam casacos idênticos, tinham carros idênticos e encomendavam refeições idênticas sempre que comiam fora.

Tanto quanto Millie era capaz de perceber, eles não conseguiam simplesmente suportar a intrusão de ter outra pessoa presente no escritório com eles. O que queriam realmente era estar a sós no seu mundo particular para poderem acariciar-se e falar carinhosamente um com o outro sem serem interrompidos. Millie, que adorava o seu trabalho — eram Tim e Sylvia que a faziam sentir-se ligeiramente nauseada —, estava feliz por o desejo dos dois ir concretizar-se. Assim que surgisse uma vaga numa das outras agências de viagens em Newquay, ela sairia dali para fora mais rápido do que o diabo esfrega um olho.

Porém, entretanto, trabalho era trabalho.

— Vamos comer alguma coisa leve ao jantar. — Sylvia acariciava a nuca de Tim enquanto falava. — Galinha a vapor e salada parece-me bem, não achas? Depois, a seguir a lavarmos a louça, seguimos para a nossa aula de fitness.

Fingindo não estar a ouvir, Millie concentrou-se afincadamente no monitor.

— Salada? Porque não comemos antes favas? — Tim deu um apertãozinho amoroso na cintura da mulher. — Gostamos de favas, não gostamos?

— Oh, sim, adoramos favas. Parece-me maravilhoso. E no fim comemos pudim ou não?

— Acho que vamos dispensar o pudim. Podemos sempre comer um iogurte de pêsego mais tarde se nos apetecer. Millie, podes imprimir os

novos folhetos do programa no Cairo? Queres que te prepare um chá, querida, ou preferes café?

— Que amável, querido. Café, por favor. — Millie sorriu abertamente para Tim. Aquela era a sua pequena piada, uma tentativa de desanuviar o ambiente.

Bem, valia sempre a pena tentar.

— Ah, ah! — O sorriso de Tim foi automático. — Despacha mas é as brochuras, Millie. Menina bonita.

— Acho que prefiro chá, querido. — Sylvia estava à janela a alisar as pregas da saia da gabardina azul-marinho por cima das ancas em forma. — Bem, adivinha quem acaba de estacionar? Tims, vem cá dar uma espreitadela.

Tims foi obedientemente dar uma espreitadela. Sem perceber, disse: — Bom carro, mas não a estou a reconhecer.

Sylvia fez uma expressão de sofrimento; ela detestava quando não sabiam ambos as mesmas coisas.

— Tens de reconhecer, eu li os livros todos dela! É a Orla Hart, a romancista. Não te lembras de lermos os dois aquele artigo no *Guardian* acerca de ela estar de mudança para a Cornualha? É a que tem o marido que não consegue manter as calças fechadas. Ups, de volta à mesa que ela vem aí!

A porta rangeu ao abrir. De regresso à secretária em tempo recorde, Sylvia ajeitou o cabelo rígido de laca — certificando-se de que ainda tinha a textura de betão — e pespegou um sorriso acolhedor no rosto.

— Orla Hart, que maravilha vê-la aqui! Bem-vinda à Fleetwood's. Eu sou a Sylvia Fleetwood e este é o meu marido Tim. Estamos ambos *tão* encantados em conhecê-la!

Millie, de joelhos no chão com a pavorosa saia azul-marinho pregueada espalhada em seu redor como uma... bem, como uma pavorosa saia azul-marinho pregueada, sentiu uma súbita onda de compreensão por Hester naquela manhã com o seu traje de arrasar. Não que ela tivesse alguma paixão assolapada por Orla Hart ou coisa do estilo, mas era seu desejo poder encontrar-se com ela pela segunda vez com algo que lhe desse um aspeto menos parecido com a versão cómica de uma solteirona de meia-idade dos anos cinquenta.

Atrás de si, Millie ouviu ainda mais cumprimentos efusivos serem trocados. As pontas das orelhas começaram a arder com uma mistura de vergonha e de estupefação por Sylvia e Tim poderem comportar-se de forma tão excitada com uma vedeta.

Mas também eles não tinham assim tanta prática — a clientela famosa até à data consistira num sujeito barbudo maníaco a quem era permitido

ocasionalmente ler a previsão meteorológica da TV local, e uma rapariga tontinha que entrara uma vez em *Encontro às Cegas*. Quando o rapaz do outro lado do biombo lhe tinha perguntado qual era a vantagem que ela tinha em relação às outras duas raparigas, ela tinha respondido:

«Se me escolheres, número três,
Depressa verás que estava destinado a ser
Porque sou uma loura sexy aquariana em fevereiro nascida
E sou mesmo muito boa a poesia.»

O pobre rapaz tinha empalidecido de horror e escolhido prontamente a número um.

— Eu viajo bastante. — Millie ouviu Orla a explicar. — Trabalho de pesquisa para os meus romances.

— Claro, claro — murmurou Sylvia com reverência. — Seria para nós um prazer ajudá-la com os seus planos de viagem. O meu marido e eu temos uma riqueza de experiência que teremos todo o gosto em pôr ao seu dispor!

— Maravilha. — Orla parecia encantada. — Agora talvez pudéssemos...

— Desculpe — murmurou Tim, interrompendo e girando na cadeira. — Millie, *levanta-te* do chão, se não te importas. Faz alguma coisa de útil e traz-nos café. *Café de jeito* — acrescentou ele, puxando uma cadeira até à mesa e dando umas pancadinhas convidativas, fazendo sinal para que Orla se pusesse à vontade. — Tenho a certeza de que todos queremos uma chávena.

Um minuto antes tinha sido chá, mas era evidente que chá não era algo suficientemente glamoroso para uma autora famosa e top de vendas. Pensando coisas negativas acerca de Tim, porque tinha sido ele a dizer-lhe para se agachar, Millie levantou-se e começou a sacudir fios ásperos castanhos dos joelhos. O tapete era daquele tipo reles e barato e, como de costume, ela tinha acabado por parecer uma mulher das cavernas com pernas profusamente peludas.

— Millie! Céus, é você! — exclamou Orla, os olhos como pires. — Oh, isto é absolutamente maravilhoso! Pensei que nunca mais a ia ver...!

Millie deu por si a ser exaustivamente abraçada e beijada em ambas as faces. Se o olhar matasse, ela teria caído para trás num instante; faísca de absoluta fúria irradiava como raios laser dos olhos semicerrados de Sylvia.

Ela é minha, dizia a sua expressão indignada a Millie. *Larga-a*.

Se Orla estava ciente dos raios de ódio mortais, ignorou-os descontraidamente.

— Isto é magnífico — afirmou com uma expressão alegre. — Pode tratar das minhas viagens! A partir de agora será a minha organizadora

particular! Muito bem, podemos começar? Estou interessada na Sicília... ah, será que ouvi alguém falar em café? — Sorrindo abertamente para Sylvia, disse: — Eu adoraria. Com leite e sem açúcar, obrigada. E você, Millie? Também toma um?

Orla saiu finalmente da loja quarenta minutos mais tarde, agarrada a uma mão-cheia de folhetos publicitários. Agradecendo efusivamente a Millie por toda a ajuda prestada, acrescentou, por cima do ombro, para Tim e Sylvia: — Ah, e muito obrigada pelo café.

— Tinhas de ser o centro das atenções, não tinhas? — rosnou Sylvia assim que a porta se fechou. — Ah, sim, aposto como adoraste bajulá-la só porque ela é famosa, a pensar que podias ser arrogante connosco, tratar-nos como escravos e agindo como se esta agência fosse tua!

Escravos? Surpreendida, Millie recuou um passo.

— Mas...

— Como te atreves a tratar-nos assim? — Quanto mais Sylvia levantava a voz, mais pronunciados ficavam os tendões no seu pescoço. — Esta agência é nossa, estás a ouvir? Não te vais safar com esta...

— Então, querida — murmurou Tim numa tentativa de a acalmar. Sylvia virou-se de frente para ele, punhos cerrados. Millie constatou que, se quisesse, ele poderia ter dedilhado os tendões tensos como se de uma harpa se tratasse.

— Oh, não me digas que ela também já se entranhou em ti como um parasita! Que fez ela? Olhinhos de carneiro mal morto? Foi assim que te conquistou? — Aquela conversa de parasitas e olhos de carneiro estava a dar a volta ao estômago de Millie. Ela estava também horrorizada com o que Sylvia parecia estar a insinuar.

— Oh, sim, já vi o modo como olhas para ela — sibilou Sylvia como se Millie já não estivesse presente. — Não penses que não reparei.

— Sylvia, para com isso. — Tim abanou a cabeça. — Ela não significa nada para mim.

— Olha, isto é estúpido...

— Estúpido? É isso que pensas? — Sylvia deu meia-volta num ápice. — Primeiro roubas-me a cliente, e agora estás a tentar roubar-me o marido. Não ENTENDES? — vociferou ela, a boca furiosa a apenas alguns centímetros da cara de Millie. — NÃO SUPORTO A TUA PRESENÇA AQUI!

Ok, já era de mais.

— Bem, é a isto que eu chamo uma feliz coincidência — disse Millie.

— Turistas por toda a parte — anunciou Hester, batendo com a porta de casa depois de entrar, — e nenhum sinal do Lucas Kemp. — Ao chegar à

sala de estar, atirou-se para cima do sofá e livrou-se dos instrumentos de tortura que tinha nos pés, também conhecidos por saltos agulha de dez centímetros. — Sinceramente, é como tentar localizar algumas espécies exóticas raras... sabemos que ele anda por aí algures... outras pessoas dizem que o avistaram... mas, por mais que nos esforcemos, não conseguimos.

— Podem ser os sapatos — sugeriu Millie. — Não vês o David Attenborough de saltos altos.

Ignorando o comentário, Hester olhou para o relógio de pulso. — Seja como for, chegaste cedo a casa. Que se passa, estás doente?

— Não. — Millie fez um sorriso rasgado. — Na verdade, estou em êxtase. Entreguei hoje a minha carta de demissão. Bem... esta é a forma delicada de pôr a coisa. — Abriu os braços com alívio. — Depois saí. E *nunca* mais lá volto.

— A sério? Bolas! Muito bem! — Hester ficou boquiaberta. — E o que te levou a fazer isso?

— Não aguentava trabalhar para eles nem mais um minuto.

— Não me surpreende. — Hester estava cheia de admiração; por muito que desejasse, sabia que não tinha a coragem para gestos tão importantes e dramáticos relativamente ao seu emprego.

Especialmente porque trabalhava por conta própria.

— Ainda por cima, — disse Millie, — de acordo com a Sylvia, eu estou ansiosa por ter um caso com o seu maravilhoso marido.

Hester começou a rir a bandeiras despregadas.

— Passa-me o balde para eu vomitar. E estás mesmo?

— Claro que eu não perderia a oportunidade, mas não me parece que fosse capaz de suportar o jogging em fatos de treino iguais.

— Imagino. — Franzindo o nariz em concordância, Hester disse: — A lata daquela mulher, a achar que poderias interessar-te por alguém como ele! O homem já é uma antiguidade!

— Está na casa dos quarenta — concordou Millie. — Quase tão velho como os meus pais. Na semana passada, desapertou-se um botão da camisa do Tim, — continuou ela, — e saltaram-lhe do peito uma série de pelos brancos horríveis.

— Ugh! E ele gosta de ti! — A expressão de Hester era triunfante. — Sua destruidora de lares.

— Mas ele nem sequer gosta de mim, aí é que está! Foi mais um dos chiliques da Sylvia. Seja como for, estou contente por ter saído. — Millie estremeceu de alívio. — A vida é demasiado curta. Sabes, eu não me tinha apercebido realmente do quanto detestava trabalhar com aqueles dois até ter parado.

— Vais ter de encontrar outra coisa para fazer.

— Isso não é problema. — O sorriso de Millie foi demasiado radioso, mas essa era indiscutivelmente a desvantagem. No verão, Newquay podia oferecer muitas oportunidades de emprego, mas a maior parte dos trabalhos eram pavorosos.

Tão duros e mal pagos que faziam o salário de um limpa-chaminés vitoriano parecer bom.

Ainda assim, não era o fim do mundo.

Millie preparou um banho para si enquanto Hester tentava telefonar a Nat em Glasgow. Poucos segundos depois, estava a entrar de rompante na casa de banho.

— Hum. De acordo com o companheiro de apartamento dele, o Nat está no duche.

Depois de despir as cuecas e de se enrolar numa toalha, Millie disse: — É a moda nova do asseio. Agora toda a gente anda com essa mania.

— Ok, mas e se não for verdade? — Hester parecia irritada. — E se eu estiver a passar um tormento para ser fiel ao Nat e ele andar a deitar-se com todas as empregadas de mesa de Glasgow? Como é que posso saber que ele não anda a enganar-me?

Exasperada, Millie despejou meia garrafa de espuma de banho de banana Body Shop debaixo da água corrente.

— Porque o Nat nunca faria uma coisa dessas. Nunca. Confia em mim.

— Confiar em ti? Ah! Essa é boa! És uma rameira desavergonhada que passa os dias a fazer olhinhos de ovelha ao patrão casado.

— Olhos de carneiro mal morto — corrigiu-a Millie, testando a água com o dedo de um pé. — E para de te stressares por causa do Nat. Ele vai ligar daqui a nada e tudo vai ficar bem.

— Estás com a tua voz de conselheira sentimental ligada — queixou-se Hester. — Toda melosa e confortante como uma goma doce. Seja como for, foi também isso que vim aqui dizer-te. Estou de saída, por isso, se o Nat se der ao trabalho de ligar, diz-lhe que fui ao ginásio.

— Ginásio? — Prestes a submergir no banho, Millie ficou estupefacta. — Mas há meses que não pões os pés no ginásio!

— Mais uma razão para ir agora, para ver se me tonifico um pouco. — Hester deu umas palmadinhas na barriga lisa com o ligeiro ar presunçoso de alguém que sabe que não precisa de tonificação. — Não posso desleixar-me só porque o Nat não está cá, pois não?

Não era preciso ser-se um génio para perceber que aquele era um discurso de desculpa para: «Não posso desleixar-me agora que o Lucas está de volta». Além disso, Millie lembrava-se que ele sempre tinha sido um bocado obcecado por ginásios. Hester estava provavelmente na expectativa

de poder encontrá-lo lá, completamente por acaso, é claro, os seus olhares cruzando-se subitamente por cima de uma assustadora máquina de abdominais...

— Bem, não quero chegar atrasada — disse Hester num tom alegre antes que Millie tivesse hipótese de abrir a boca. — Vejo-te quando voltar!

Nat telefonou vinte minutos depois. Millie, que secava o cabelo com a toalha que tinha pendurada ao pescoço, explicou onde Hester tinha ido.

— Isto é o oposto de um telefonema porco — disse a Nat. — Acabei de tomar um banho; não podíamos estar mais limpos.

— Não posso crer que ela tenha ido ao ginásio — disse Nat, espantado. — Pensei que ela tinha desistido disso.

— Bem, não viste como ela está. Nas últimas três semanas engordou cerca de trinta quilos — disse Millie. — As mamas descaíram e o rabo parece uma saca de nabos. É uma visão aterradora.

— Mas ela já tinha esse aspeto. Porque achas que eu a deixei? — Depois Nat assumiu um tom sério: — Como é que ela está realmente?

— Ótima — garantiu-lhe Millie. — Nada gorda.

— Sabes bem do que estou a falar. — Nat hesitou. — Sinto saudades dela, Millie. Estar longe da Hess é o pior que já tive de suportar. — Mais uma pausa, depois, meio a rir, disse: — Céus, ouve-me só! Podem entrar os violinos! Acho que só quero saber se a Hester também sente a minha falta.

A habilidade bizarra que Millie tinha de cruzar os dedos dos pés sempre provocara gemidos de repulsa. Por sorte, não havia ninguém por perto naquele momento para testemunhar o espetáculo.

— Claro que sente. Não para de falar de ti. És o melhor namorado que ela já teve.

— Sabes sempre dizer a coisa certa. — Nat parecia estar a sorrir. — Olha, diz à Hester que eu liguei e dá-lhe beijos meus, está bem?

— De um modo não físico — assegurou-lhe Millie quando a campainha da porta tocou. — Oh, tenho de ir, está alguém a bater à porta.

— E eu preciso de regressar ao trabalho. Volto a telefonar amanhã à noite. Tchau — disse Nat. — Até breve.

— Adeus. — Millie indagou-se se Hester se daria conta do quão sortuda era. Porque não podia toda a gente ser tão encantadora como Nat?

Capítulo 6

Orla Hart tremelicava à porta, vestida numa camisa nada prática de renda cor-de-rosa, saia esvoaçante e sandálias prateadas. O tempo tinha virado repentinamente para pior e gotas de chuva caíam implacáveis de um céu cinza-escuro.

Ao lado de Orla, sobre o degrau, estava uma estátua de pedra de uma menina segurando uma tigela.

Momentaneamente sem palavras, Millie disse: — Eu nem sequer sabia que estava a chover.

— Bem, agora sabe. Não se importa que eu entre? — Millie desviou-se e Orla passou por ela a cambalear para o corredor estreito com a estátua nos braços. Arfando ligeiramente, pousou-a no chão antes de se virar para Millie.

— Ok, da última vez, quando lhe dei boleia para Newquay, você não me disse onde morava.

— Isso foi porque a senhora não parava de insistir que queria comprar-me alguma coisa em sinal de agradecimento — lembrou-lhe Millie.

— Mas você salvou-me a vida!

— Eu só me sentei um bocado a conversar consigo. Não queria nenhuma recompensa.

— É pena. — Orla fez um sorriso convicto enquanto dava umas pancadinhas na cabeça de pedra esculpida da estátua. — Vi-a esta tarde e soube imediatamente que tinha de a comprar para si. Não é divina? Pense quão bem ficará no seu jardim!

E, provavelmente, até ficaria, se tivéssemos algum, pensou Millie.

— É linda. — Rezando para conseguir ludibriá-la desta forma, talvez por um milagre Orla Hart não reparasse que elas só tinham um quintal minúsculo nas traseiras, Millie disse: — Mas não era preciso.

Orla sacudiu o cabelo molhado dos olhos amarelos-esverdeados e fitou-a com um olhar grave.

— Lembra-se, quando estávamos naquele penhasco, de me dizer que não se ia embora porque a sua consciência não deixava? Disse-me que dava em doida se me deixasse lá e eu saltasse.

— Mais ou menos. — Apertando o cinto do roupão em volta da cintura, Millie indagou-se se teria olhos de panda pós-banho devido ao rímel esborratado. Ela esperava que Orla não achasse que tinha estado a chorar.

— Bem, agora é a minha vez de a ter na minha consciência. Podemos avançar? — Inclinando a cabeça, Orla indicou a sala de estar, que Millie sabia estar uma confusão.

Por sorte, Orla não pareceu importar-se. Os olhos claros perscrutaram a sala, absorvendo tudo. Mas de uma forma simpática, e não crítica, ficou Millie aliviada ao reparar.

Ao contrário da sua própria mãe.

— Você foi despedida — disse Orla a Millie, sentando-se no braço do velho divã verde-garrafa.

— Na verdade, demiti-me.

— A sério? — Orla não parecia convencida. — Voltei lá esta tarde e a dona disse que a tinham dispensado.

— Fui eu que me despedi — garantiu-lhe Millie.

— Oh. Bom, melhor assim. Acho. — Orla fez uma pausa, fez uma expressão angustiada durante uns segundos e depois explodiu: — Ok, mas agora tem de ser completamente sincera: teve alguma coisa a ver comigo?

— Não! — exclamou Millie, de forma tão dramática que deu imediatamente a perceber que tinha tido. Como já era hábito, Millie lembrou-se tarde de mais que se queria ser convincente, tinha de soar normal, no limiar da indiferença. Nunca, mas nunca, exagerar.

Só que era o que ela sempre fazia.

— Não teve propriamente a ver consigo, — apressou-se Millie a explicar, — juro. A senhora é que acabou por ser arrastada para o meio da coisa.

— Eu sabia. — Orla parecia perturbada. — Aquela mulher horrorosa com a verruga enorme no nariz. Ela está a tratar-me de uma forma realmente estranha.

Millie franziu o sobrolho. — A Sylvia? A Sylvia não tem nenhuma verruga no nariz.

— Ela é má, como uma bruxa velha — declarou Orla impacientemente. — É como se tivesse uma verruga no nariz. E eu quase tive de lhe arrançar ambos os braços para ela me dar a sua morada. Desembuche lá, porque é que saiu?

Como Orla já tinha deslizado do braço puído do divã e estava a instalar-se confortavelmente no assento propriamente dito, Millie foi buscar uma garrafa de vinho tinto à cozinha, conseguiu desencantar dois copos iguais e contou-lhe.

— Pode fumar — acrescentou, detetando os sinais de privação de ni-

cotina quando Orla começou a remexer freneticamente nas muitas pulseiras que tinha no pulso.

— Tem a certeza? Posso ir fumar para o jardim.

O estendal da roupa estava naquele momento no quintal, o que significava que não haveria também espaço para Orla. Caramba, aquela estátua de pedra esculpida ia parecer tão deslocada ali como Yasmin LeBon numa agência de apostas.

Millie disse generosamente: — Está a chover. E eu não me importo realmente. Pode deitar a cinza nesse vaso atrás de si.

Extremamente aliviada, Orla descalçou as sandálias rasas prateadas e acendeu o cigarro. Millie reparou que os dedos dos pés se encaracolaram de prazer quando ela inalou.

— Então a bruxa velha achava que você andava atrás do marido dela — disse Orla espantada quando ouviu a história toda. — Deve ser do tipo superciumento que imagina que todas as mulheres com menos de oitenta anos estão ansiosas por pôr as mãos no seu homem. Espero que lhe tenha dito que antes preferia fazer sexo com o Jabba the Hut. Na verdade, era até muito bem feito se você tivesse mesmo tido um caso com aquele marido pavoroso que ela tem, ou, melhor ainda, eu podia ter um caso com ele! Isso ia servir-lhe de lição, não ia?

Caramba, os romancistas seriam todos assim? Pensou Millie alarmada. Dava-se-lhes uma ideiazinha de nada e eles partiam logo a correr com ela como se levassem o testemunho numa corrida de estafetas, cada vez mais empolgados?

Para não dizer que, em teoria, não era uma ideia nada divertida...

— Só que o Tim nunca teria um caso com ninguém — disse ela a Orla com ar de desânimo. — Ele e a Sylvia fazem tudo em conjunto. Provavelmente ele até vai com ela à casa de banho quando ela acorda durante a noite com vontade de fazer chichi.

— Não suporto esse tipo de casais pegajosos! — exclamou Orla com fervor.

— Usam camisolas condizentes.

— Esse tipo de comportamento é completamente ridículo.

— E vão à mesma aula de aeróbica.

— Patético. Pessoas assim provocam-me náuseas — declarou Orla.

— De qualquer modo, eles nunca foram simpáticos comigo, por isso não é como se eu gostasse de trabalhar com eles. — Millie lançou-lhe um olhar tranquilizador. — Na verdade, deixar aquele emprego até me animou bastante.

— Oh, mas continuo a sentir-me terrivelmente culpada. — Depois de ter consumido o cigarro a uma velocidade estonteante, Orla deu meia-volta

e apagou-o no vaso da azálea negligenciada de Hester. — E esqueci-me de lhe perguntar hoje de manhã como é que ficaram as coisas com o seu namorado depois de ele ter saído daquela maneira na semana passada. — Orla parecia esperançosa. — Perdoou-a por ter saltado do carro dele para me salvar a vida?

— Hum... na verdade, não. Mas isso não interessa — prosseguiu Millie apressadamente. — Já lhe tinha dito que eu nem sequer queria estar com ele. A sério, foi melhor assim.

— Oh, céus, isto é terrível! — queixou-se Orla. — Sou um desastre completo. Aqui está você, uma miúda adorável que nunca fez mal a ninguém. E agora, sem emprego e sem namorado... por amor de Deus, de uma forma ou de outra, eu consegui destruir a sua vida sem a ajuda de ninguém!

— Pode parar com isso? — As sobrancelhas de Millie ergueram-se de incredulidade. — Está de novo a deixar-se levar, a fazer um drama de... nada. Para início de conversa, o Neil não era o amor da minha vida. Em segundo lugar, eu posso muito bem conseguir outro emprego.

— Mas...

— E eu também não sou sempre uma pessoa adorável — garantiu-lhe Millie. — Às vezes consigo ser completamente perversa.

— Bem, lamento mas não acredito nisso. Olhe bem para si, — disse Orla, abrindo as mãos, — com esse cabelo louro ondulado e esses olhos enormes... você é um anjo autêntico! Sim, é isso mesmo que parece, um *anjo*...

Millie sempre desejara ser alta e magra, com maçãs-do-rostro bem salientes, cabelo preto liso e arrogante. A sua mulher ideal era Lily Munster. Desesperada para convencer Orla, disse: — Mas isso não faz de mim uma boa pessoa!

— Aposto que é. — Não valia a pena, Orla estava decidida. — Aposto como nunca fez nada inconsequente ou mal-intencionado na vida.

Então Millie sentiu-se compelida a provar o contrário, sem mencionar nomes, evidentemente, falando por alto da história da carteira de Hugh Emerson, do telefonema subsequente e do momento angustiante em que se apercebera que tinha cometido uma das maiores gafes de todos os tempos.

— Por isso, como vê, — concluiu Millie cinco minutos depois com uma pontinha de triunfo, — consigo ser tão horrível como qualquer outra pessoa.

— Só que você não sabia que a mulher desse sujeito estava morta. Desculpe, — disse Orla com rispidez, — mas isso não conta para nada. De qualquer forma, — continuou, — você corou como um tomate quando me contava isso, o que só prova o quão amorosa é.

Era inútil. Por uma fração de segundo, Millie sentiu-se tentada a anunciar a Orla que um dos seus passatempos era arrancar asas a borboletas e que também gostava um pouquinho de afogar gatinhos nos tempos livres.

Mas em parte por ser tão adorável, é claro, não conseguiu fazê-lo.

Optando então por mudar de assunto, Millie disse: — E como vão as coisas entre si e o seu marido?

E rezou imediatamente para Orla não desatar a chorar, correr para a casa de banho e começar a emborcar o conteúdo de uma garrafa de lixívia.

Ela não o fez. Ufa!

— O Giles? Oh, estamos bem, muito bem, foi tudo um mal-entendido. — Entre acender mais um cigarro e voltar a meter o pesado isqueiro de prata na mala, Orla lançou-lhe um deslumbrante sorriso. — Estou muito contente por você ter aparecido naquele penhasco e ter impedido que eu me matasse.

— A senhora não teria tido coragem para tal — disse Millie. — Não teria mesmo.

Orla encolheu os ombros.

— Interroguei-me isso mesmo, muitas vezes. Mas eu estava bastante desesperada. — Fez uma pausa e depois acrescentou com um sorriso forçado: — Continuo contente por você estar por ali.

— Qual foi o mal-entendido?

Millie ficou estupefacta por ter tido o atrevimento de fazer uma pergunta tão escandalosamente pessoal, mas precisava de saber. De qualquer forma, Orla já tinha conseguido arrancar-lhe quase a história toda da sua vida; um bocadinho de intromissão como resposta não seria levada a mal.

— Oh, até tenho vergonha de dizer! Ali estava eu a pensar que o Giles tinha instalado a Martine aqui... e ele nem sequer fazia ideia que ela estava na Cornualha! Foi tudo culpa dela — explicou Orla, soprando fumo em todas as direcções. — O Giles acabou tudo com ela, mas ela recusou-se a aceitar. Cenário típico de amante desprezada: ela não parava de lhe telefonar a implorar para a aceitar de volta, mas o Giles foi fantástico e disse-lhe sempre que não. Por isso, no final, por puro desespero, a parvalhona da rapariga mudou-se para a Cornualha e alugou um pequeno chalé por iniciativa própria. O Giles não teve nada a ver com o assunto. Quando o confrontei, ele ficou completamente abismado!

— Oh. — Millie engoliu em seco. — Bom... ainda bem.

— Por isso, lá está, tanta preocupação por nada — afirmou Orla. — Claro que não podemos expulsá-la fisicamente daqui, mas ela já não constitui um problema. Continua lá naquela triste casinha de campo, mas eu posso viver bem com isso. Tenho o meu marido de volta e estou feliz.

Orla estava a dizer a verdade, decidiu Millie. Ela acreditava genuinamente no que estava a dizer. E, nesse caso...

— Isso é fantástico — disse ela calorosamente a Orla. — Estou muito feliz por si.

— Oh, Deus! — Orla soltou um gemido de consternação. — Você está mesmo! Eu intrometi-me na sua vida, desfi-la em cacós, e ainda assim você está contente por *mim*!

Com toda aquela culpa, ela só podia ser católica.

— Adoro essa palavra — suspirou Millie, cruzando as pernas debaixo dela e enrolando distraidamente o cinto do roupão em volta da mão. — Na verdade, adoro mesmo. Cacós. Será irlandesa? — Segurando num microfone imaginário, anunciou com um floreado: — E agora, senhoras e senhores, temos a honra de apresentar esta noite em palco... os Cacós!

— Você canta? — perguntou abruptamente Orla.

— Er... não propriamente.

— Que quer isso dizer?

Lá vai ela começar de novo a fazer um monte de perguntas completamente sem sentido, pensou Millie.

— Não sou boa, mas também não sou má de todo. — Millie decidiu brincar com Orla. — Apenas mediana.

— Dança?

— Tenho pernas, não tenho? — Millie mexeu os dedos dos pés. — Qualquer pessoa com pernas pode dançar. Até certo ponto.

— E você não é tímida — continuou Orla, derramando vinho tinto sobre a saia quando começou a vasculhar a mala. — Talvez tenha a coisa certa para si... espere, eu sei que está algures por aqui... ah, aqui está. — Retirou um cartão-de-visita e acenou-o a Millie com ar triunfante. — Este tipo pode ser o ideal para si.

— Oh, céus, não me diga! — disse Millie com um gemido. — É o Andrew Lloyd Webber e ele vai chatear-me para eu entrar no próximo musical.

— Não, não, estou a falar a sério. Conhecemo-nos por alto numa festa uma noite destas e ele anda à procura de miúdas como você.

— Fantástico — disse Millie. — É um chulo que anda desesperado para recrutar novas prostitutas para substituírem as que já foram descartadas.

— Pode dar-me atenção? — repreendeu Orla em tom de brincadeira. — Este sujeito acabou de instalar um serviço de beijograma aqui na Cornualha.

Oh, por amor de Deus!

— Um quê?!

— Não precisa de ficar assim tão chocada, não tem nada de sórdido.

O negócio é completamente limpo — declarou Orla. — Trata-se apenas de um pouco de diversão... pode-se contratar estilo Chippendale para despedidas de solteira, vovógramas, gorilagramas de patins... ah, seria uma grande vantagem, se você soubesse patinar... até palhaços malabaristas em monociclos...

— Não me parece mesmo que seja o meu estilo — disse Millie, sentindo-se um pouco mesquinha, quando Orla estava tão claramente cheia de entusiasmo.

— Ok, eu sei que não é exatamente o mais normal dos empregos, mas de acordo com este sujeito, não se ganha nada mal. Para quê trabalhar oito horas a fio num escritório quando se pode ganhar praticamente o mesmo numa hora e meia?

— Fazendo patinagem mascarada de gorila?

Por acaso, Millie até sabia patinar. Bastante bem, na verdade.

— Foi só uma ideia — disse Orla. — Não precisa de aceitar. Mas o sujeito até é bastante atraente.

Orla piscou o olho, fez um aceno de cabeça encorajador e enfiou o cartão-de-visita na mão de Millie.

Millie virou-o ao contrário e leu a informação.

— E também é solteiro. — Orla parecia satisfeita consigo própria. — Eu verifiquei.

— Kemp's — leu Millie. — Beijogramas para animar as suas festas. Prop: Lucas Kemp. Tel.: 01637 blá, blá, blá.

Lindo.

Em voz alta, disse indistintamente: — Obrigada.

Capítulo 7

Como era típico, Hester não demorou nada a descobrir o cartão.
— O que está aquela estátua pavorosa a fazer na casa de banho? — exigiu saber na manhã seguinte.

— Foi a Orla Hart quem me ofereceu. Ela sente-se culpada por eu estar desempregada. Foi a forma que encontrou de me compensar — explicou Millie.

— Bem, da próxima vez que ela se sentir culpada, diz-lhe que preferimos sapatos. Droga! — Hester olhou com frustração para as pernas nuas, que estavam decoradas com tiras de papel higiénico coladas com sangue. Quando se mexia, o papel higiénico flutuava ao vento.

— Nunca depiles as pernas à pressa.

— Eu não estava com pressa, estava nervosa. Pode ser hoje o dia de dar de caras com sabes-bem-quem. Oh, isto é inútil — lamentou-se Hester quando uma gotícula de sangue deslizou pelas costas da perna. — Porque é que isto não para? Pareço ter sido atacada por uma praga de ratos.

— Leva calças de ganga — gritou Millie por cima do ombro quando entrava na casa de banho.

Quando saiu, dez minutos depois, Hester estava espedada no meio da sala com uma expressão estranha no rosto.

— Que foi? — perguntou Millie. — A sério, ainda estás à espera que as pernas deixem de sangrar? Vais chegar muito atrasada ao trabalho.

— As minhas calças de ganga estão no cesto da roupa suja — anunciou Hester.

Céus, Orla Hart não era a única melodramática das redondezas. Que esperava Hester? Que a notícia saísse na primeira página da *Gazeta da Cornualha*?

— Por isso lembrei-me de vestir collants — continuou ela.

Ufa, esqueçam a Gazeta da Cornualha, pensou Millie. *Ponham-me já em contacto com o editor do News of the World!*

— Mas não tinha nenhuns sem buracos, — prosseguiu Hester, em tom

conversacional, — por isso pensei que não te importarias de me emprestar uns dos teus.

Oh.

Oh, droga.

Na verdade, grande droga.

— Tenho umas opacas pretas — disse Millie esperançosamente. — Iam esconder-te os cortes nas pernas.

— E quando estava a remexer na tua gaveta da roupa interior, dei de caras com... isto. — Hester ergueu o cartão-de-visita com o nome de Lucas Kemp. — Como pudeste fazer-me uma coisa destas? É isso que não compreendo. Passei os últimos três dias num estado de nervos, a pensar se vou conseguir localizá-lo, e durante este tempo todo tu sabias exatamente onde o podia encontrar, porque tinhas o cartão-de-visita *dele* com o número de telefone *dele*, ESCONDIDO NA GAVETA DA TUA MALDITA ROUPA INTERIOR!

Provavelmente não seria o melhor momento para fazer uma piada acerca da maldita roupa interior, decidiu Millie.

— Ok, escuta-me, eu não tenho este cartão há muito tempo. A Orla Hart deu-mo ontem à noite e eu precisava de tempo para pensar. Eu ia contar-te esta noite, — disse ela, — mas sabes bem como és. A última coisa que precisas é ires enroscar-te com o Lucas Kemp, babares-te toda como um buldogue e deixá-lo a pensar que és presa fácil, pronta a servi-lo.

Hester recuou como se tivesse levado uma bofetada na cara.

— Um buldogue? É isso que dizes que eu pareço?

Ela parecia tão magoada. Arrependida, Millie abanou a cabeça.

— Claro que não. Só não me ocorreu mais nada que se babasse.

— Os Labradores também se babam — disse Hester com ar empertigado. — O Labrador da minha tia está sempre a babar-se. E os São Bernardo também. Não precisavas mesmo de ter dito buldogue.

— Desculpa.

— De qualquer forma, eu não ia atirar-me para cima do Lucas! Não tenciono dar-lhe a entender que sou presa fácil.

— Claro que não. Desculpa — repetiu Millie num tom humilde. Apesar de saber, sem qualquer sombra de dúvida, que Hester já tinha decorado o número de telefone do cartão.

Mais calma, Hester disse: — Mas porque é que a Orla te deu o cartão-de-visita do Lucas?

— Ele anda à procura de pessoas para fazerem os beijogramas. A Orla pensou que eu podia estar interessada. Estava apenas a tentar ajudar porque se sente responsável por...

— Oh, meu Deus! — Hester esqueceu imediatamente a rabugice. Começou a bater palmas como uma criança entusiasmada. — Isso é fantástico!

— Mas eu disse-lhe que não era o meu estilo.

— Podias muito bem fazer isso!

— Eu sou uma agente de viagens — protestou Millie.

Bem, mais ou menos.

— Uma agente desempregada — salientou Hester.

— Pois, mas cantar telegramas! São tão... tão... — gaguejou Millie; eram definitivamente tão qualquer coisa, mas ela não conseguia explicar o quê.

— Terias de despir-te toda?

— Não!

— Então avança — ordenou Hester.

— Não sei se quero.

— Desculpa, mas tu por acaso chamas-te Victoria Beckham? — Hester revirou os olhos. — Não, não te chamas, por isso não te podes dar exatamente ao luxo de ser exigente, pois não?

— Estava a pensar mais numa coisa estilo bar — disse Millie.

— Oh, não sejas tão tacanha — disse Hester. — Pelo menos liga-lhe e marca uma entrevista.

Millie fingiu perplexidade.

— Porquê?

— Porque assim podes encontrar-te com ele e ter uma agradável conversa sobre os bons velhos tempos, ele vai ter oportunidade de te perguntar acerca de mim e tu vais poder dizer-lhe o quão linda e popular eu sou e, em menos de nada, ele vai estar desesperado para me rever e é nessa altura que tu dirás: «Olha, e se saíssemos os três esta noite para beber um copo?», e ele dirá: «Millie, que ideia fantástica» e tudo acontecerá de forma fácil e natural. Bingo. Nada de buldogue, nem um fio de baba à vista!

— E também nada de sexo — recordou-lhe Millie.

Hester fez um ar chocado.

— Claro que não.

— Bom. Ok.

É a isto que a Orla se refere quando diz que sou um encanto, constatou Millie. Escondi o cartão da Hester, para o bem dela, e ela conseguiu fazer-me sentir tão culpada que acabei por concordar fazer a única coisa que não queria realmente fazer.

Bem, agora vou ser má e vai ser muito bem feito para ela.

Sorrindo como uma mulher obediente, parou à porta da rua e despe-

diu-se de uma Hester delirantemente feliz. Ainda sem quaisquer collants e com as longas tiras de papel higiénico esquecidas parecendo minúsculos estandartes vermelhos e brancos ondulando em redor das pernas.

Ninguém atendeu o telefone quando Millie ligou para o número que estava no cartão-de-visita de Lucas Kemp. Uma vez mais de consciência tranquila — bom, pelo menos tinha tentado —, decidiu tirar o melhor proveito da inesperada liberdade e fazer antes uma visita ao pai.

Quando os pais de Millie se haviam separado cinco anos antes, tinha sido por insistência da mãe. Adele Brady desejara mais, ela ansiava por um resplandecente estilo de vida metropolitano.

E, na devida hora, um requintado marido metropolitano a condizer.

— A Cornualha não tem nada a ver *comigo* — dissera Adele a Millie na altura. — É *tão* provinciana. Eu preciso de glamour, preciso de ópera, preciso... oh, céus... Harvey Nichols!

— Vês? Já está de olho noutra sujeito. — Lloyd, pai de Millie, piscara-lhe o olho. — E atenção, nunca me passaria pela cabeça que ele fosse o tipo dela... um ex-equitador, com excesso de peso, famoso pela saudação com dois dedos. Não me parece que seja o mais adequado para a ópera.

Millie tinha feito um sorriso largo porque sabia que o pai estava a brincar.

— Patético, completamente patético — sibilara Adele em resposta, não percebendo de todo. — Consigo arranjar alguém *muito* melhor que tu.

— Ainda bem. — Lloyd não estava aborrecido; estava demasiado acostumado às intermináveis críticas da mulher. Inicialmente, o facto de ele e Adele serem completamente diferentes tinha sido uma grande novidade. Mas ao fim de vinte anos, a coisa estava realmente gasta.

— Vou ser feliz — afirmara Adele com total confiança.

— O quê? Com esse tal de Harvey Nichols? — Havia um brilho travesso nos olhos de Lloyd. — Tens a certeza? Porque precisas de ter cuidado com estes tipos dos cavalos, sabes? São conhecidos por ter uma queda por esporas pontiagudas e chicote.

— Uma vida completamente nova para mim. — Adele olhara-o com desprezo. — Uma gloriosa vida nova e um glorioso homem novo com quem partilhá-la.

— Bem, cada um tem o que merece — dissera Lloyd com boa disposição. — Mulheres? Já desisti delas. A partir de agora vai ser vida de solteiro para mim.

Famosas últimas palavras.

Tanto para Adele, como para Lloyd.

Adele passara os últimos cinco anos na pândega por Londres num es-

tado de desespero crescente. Era uma Bridget Jones de cinquenta e cinco anos em roupa de malha de seda Jaeger, queixando-se constantemente que não havia homens decentes em *lado nenhum* e que os únicos que gostavam de ópera eram todos homossexuais. E usavam lenço no pescoço.

Entretanto, Lloyd instalara-se alegremente na sua nova vida de solteiro durante três meses e meio, até, por acaso do destino, ter conhecido Judy.

Numa estação de gasolina nos arredores de Padstow, o mais exótico lugar imaginável.

Lloyd estava na caixa para pagar a gasolina quando uma voz feminina atrás de si afirmara: — Merda!

Quando se virara para trás para ver a quem pertencia a «Merda», Lloyd sorria largamente para Judy.

Acenando com a mão num gesto de desculpa, Judy tinha feito uma careta e em seguida sorrido em resposta.

E, basicamente, tinha sido assim.

— Acabei de meter vinte libras de gasolina no meu carro. — Judy mostrou-lhe o conteúdo da mala já bem puída: uma barra de Mars, alguns biscoitos de cão, um batom e um amarrotado livro de bolso de Dick Francis que parecia que tinha sido lido no banho. — E saí sem o raio da carteira.

Um único batom. E nada de escova. Lloyd ficou imediatamente encantado.

— Não tem problema, eu empresto-lhe o dinheiro.

E gostou da forma como ela não se lançou numa catadupa de oh-não-posso-aceitar.

— Posso ser uma vigarista.

— Uma vigarista nunca diria isso — informou-a Lloyd com ar grave.

— Ok, aceito. — Judy acenou com a cabeça, aceitando a oferta e sacudindo as chaves do carro. — E eu vivo apenas a um quilómetro daqui, por isso, se não estiver com muita pressa, pode seguir-me até casa que eu pago-lhe já.

— Posso ser um assassino em série.

— Tenho cães em casa — confidenciou Judy. — Os assassinos em série não me assustam.

Sem querer, Lloyd apercebera-se antes do fim da tarde que conhecera a sua alma gémea, a mulher com quem queria — não, não queria, com quem *precisava* — passar o resto da vida.

Judy Forbes-Adams ficara viúva três anos antes. Aos cinquenta e três e com filhos já adultos, também ela estava satisfeita com a vida que tinha. Judy adorava fervorosamente cavalos, cães e o campo da Cornualha. Em ocasiões especiais, passava um pouco de batom Yardley e lembrava-se de escovar o cabelo. Não seria capaz de reconhecer um fato de marca, mesmo

que fosse Chanel, embora tivesse tanto recursos económicos como corpo para usar qualquer coisa de que gostasse. E, melhor que tudo, não gostava de ópera. Para Judy, a ideia de um tempo bem passado envolvia escutar os *The Archers* na Rádio 4 enquanto plantava os seus pelargónios.

Adele ficara possessa com o facto de o destino ter tido a audácia de conceder a Lloyd o final feliz.

— É tão injusto — queixava-se. Frequente e extremamente mal-humorada.

— Vais encontrar outra pessoa — dizia Millie, tentando acalmá-la. Com frequência e uma impaciência crescente na voz.

— Como é que o teu pai pode estar satisfeito com uma mulher que passa a vida de calças de ganga, é algo que não consigo compreender — dizia com rispidez. — Calças de ganga, e ainda por cima está quase nos sessenta!

— Não me peças para falar mal da Judy. Gosto dela.

— Ah. Não tarda, estás a dizer-me que ela é melhor cozinheira que eu.

Adele gostava de passar horas a preparar refeições extremamente ornamentadas que arrumava com dificuldade em pratos e que acabavam por parecer mini-andaimes.

— Ela não é nada parecida contigo na cozinha — disse Millie com sinceridade. Ela tinha a certeza de que Adele nunca conversara ao fogão com um cigarro numa mão e a mexer molho com a outra. De facto, Judy era uma excelente cozinheira, mas Millie tinha aprendido, para bem da sua saúde, a ser diplomática. — Ela faz empadão de carne, empadas de bife e rim, coisas desse estilo.

— Grandes montanhas de comida pesada. Não admira que o teu pai esteja feliz. Comida de camponês — resfolegou Adele. — Esse tipo de coisa é mesmo o estilo dele.

Capítulo 8

Comida de camponês era também o estilo de Millie. Almoço com Judy e o pai era sempre um regalo.

Naquele dia era guisado de salsichas e cebola, espesso e pegajoso, empilhado sobre batatas cozidas ensopadas em manteiga. Lloyd abriu uma garrafa de Shiraz e Millie começou a pô-los a par dos mexericos, começando com o que acontecera para ter ficado desempregada.

— Mas isso é chocante! — exclamou Judy. — Francamente, casais assim causam-me *arrepios*. E agora estás sem trabalho... bem, podemos dar-te algum dinheiro. Se estiveres desesperada, é só dizeres.

— Não se preocupem. — Millie ficou comovida com a oferta, mas abanou a cabeça. — Encontrar emprego não é problema. Na verdade, há um trabalho que a Hester adoraria que eu aceitasse. — Retirou o cartão-de-visita de Lucas Kemp do bolso traseiro e mostrou-lhes.

— Querida, uma striptograma! — Judy bateu palmas, deliciada. — Que engraçado!

— Se eu me despisse, as pessoas iriam de facto rir-se. Ou isso, ou iriam queixar-se ruidosamente e exigir o dinheiro de volta. Não seria preciso fazer striptease — explicou Millie. — Eles querem de todos os tipos, como pessoas que saibam cantar, dançar e patinar. Bem, é apenas uma opinião. Se calhar, ainda acabo a servir à mesa ou a trabalhar num bar.

— Podias fazer malabarismo — declarou Judy com entusiasmo. — Seria fabuloso! Quem resistiria a uma malabarograma sobre patins?

— Só que eu não sei fazer malabarismo — salientou Millie.

— Tu não, mas eu sei. — Saltando da mesa, Judy tirou cinco clemetinas da fruteira que estava em cima do aparador e começou a lançá-las ao ar. Com destreza, fez algumas habilidades e depois fez uma modesta vénia.

— Cinco anos — disse Lloyd, maravilhado. — Estamos juntos há cinco anos e eu não sabia de nada.

— É apenas um dos meus pequenos segredos. — Judy ergueu uma sobranceira brincalhona. — Eu sou a mulher internacional do mistério.

— Fugiste de casa quando eras pequena para te juntares ao circo? — Millie estava encantada.

— Que mais consegues fazer? — disse Lloyd. — Andar na corda bamba? Domar leões? Equilibrar uma bola na ponta do nariz?

— Quando tinha dezanove anos, passei o verão a viajar com um namorado. Quando ficámos sem dinheiro, aprendemos a fazer malabarismo. Depois fomos atuar pela Europa. — Judy encolheu os ombros como se fosse a coisa mais normal do mundo. — E quando se aprende, nunca mais se esquece. É como andar de bicicleta. Aí está uma ideia. — Olhos cintilantes, virou-se para Millie. — Podias ser uma beijograma cantora e monociclista! Ia ser um sucesso!

Millie desatou a rir às gargalhadas, olhando para Judy com a sua camisola branca larga, calças de ganga desbotadas e alpercatas, com o cabelo louro desgrenhado por altura dos ombros e as mãos cheias de clementinas.

— Não me digas que também sabes andar de monociclo!

— Claro que não sei. Não tínhamos dinheiro para um monociclo! Céus, estávamos tão falidos que mal tínhamos dinheiro para a parafina das tochas.

No final da refeição, Lloyd franziu o sobrolho ao cartão-de-visita sobre a mesa.

— Porque é que o nome deste sujeito me parece familiar?

— É a paixoneta da adolescência da Hester — recordou-lhe Millie. — O DJ, lembras-te? Que se mudou para Londres? — Fez uma careta. — Agora está de volta e a Hester está completamente perdida de amores. É por isso que ela quer tanto que eu aceite o trabalho. Pobre Nat. Só espero que ela não faça nada incrivelmente estúpido e faça figura de parva.

— Em tempos também gostei de uma miúda — recordou Lloyd com descontração. — Costumava passar de bicicleta por casa dela e espreitar para a janela do quarto. Então um dia vi-a lá a olhar para mim. Fiquei tão entusiasmado que espetei a bicicleta contra o carro do pai dela.

Judy sorriu e colocou mais vinho nos copos.

— Bem, se são momentos embaraçosos que queres, em tempos fui *louca* por um rapaz de St. Ives. Um dia fui com um grupo de amigos dar um mergulho até à praia e lá estava ele. Então despimo-nos, tínhamos todos os fatos de banho por baixo, e eu decidi ser verdadeiramente corajosa. Avancei para ele em frente a todos os amigos dele e perguntei-lhe se sabia as horas.

— E? — Millie susteve a respiração.

— Ele disse: «Sim, querida, está na hora de tirares as cuecas». E quando olhei para baixo dei-me conta de que ainda tinha as minhas horríveis cuecas cor-de-rosa por cima do fato de banho. Não tem *graça* — protestou Judy. — Imaginem o trauma. Levei anos a ultrapassar isto.

Encorajada pela vontade de competir — e pelo terceiro copo de vinho tinto —, Millie deu imediatamente início à sua história embaraçosa, a da Carteira e do Telefonema.

Quando chegou ao hilariante desfecho, «Para tua informação, a minha mulher está morta», Judy gemeu e bateu palmas com um misto de horror e encanto.

— Eu sei, eu sei, estou tão envergonhada. — Millie abanou a cabeça e sentiu-se enrubescer de novo; acontecia sempre que ela pensava no assunto.

Lloyd deu-lhe umas palmaditas no braço e disse alegremente: — Minha filha, a diplomata.

— Pai, fique para morrer! Desliguei simplesmente.

— Talvez não fosse verdade — sugeriu Judy. — O meu querido marido sempre teve um gosto atroz no que tocava a camisolas, mas assim que alguém fazia troça delas, ele fazia um ar perturbado e dizia: «Foi a última coisa que a minha mãe tricotou para mim antes de morrer».

Era uma ideia agradável, mas Millie sabia que não podia agarrar-se a isso.

— Este tipo não estava a brincar — disse ela com tristeza. — Ele estava a falar a sério. Estava tão repugnado comigo. Até aquela altura tinha-me parecido tão simpático... tinha uma voz muito calorosa...

— Bem, os homens são assim. — Judy acenou desdenhosamente com o braço. — E o que fizeste à carteira?

— Enviei-lha pelo correio. Escrevi-lhe um bilhete à pressa a pedir desculpas, mas o sentimento de culpa não se vai embora. Por esta altura já devia estar a passar, mas não está. Na verdade, está cada vez *pior*. — Millie estremeceu só de pensar no assunto. — Sempre que me lembro daquele telefonema, sinto uns horríveis arrepios gelados percorrerem-me a espinha. Às vezes é como estar debaixo de uma *cascata*...

— Querida, escreve-lhe outra carta! — exclamou Judy. — Desta vez, uma como deve ser. Assim podes rebaixar-te e desculpar-te à vontade para contentamento do teu coração.

Millie sentiu-se desmoralizada; quem lhe dera conseguir.

— Não consigo lembrar-me da morada dele. Devo estar demasiado envergonhada. Varreu-se da minha memória. Desapareceu.

— Muito bem, então esquece de vez. — O tom de Judy era de consolação. — A vida é demasiado curta.

— Foi certamente para a mulher daquele rapaz. — Lloyd piscou o olho a Millie do outro lado da mesa.

— Pai! Que coisa terrível de se dizer!

— Eu sei. Não consigo perceber onde apanhei isto — disse Lloyd.

...

— Um, dois... droga.

— Um, dois, três... merda.

— Um... foda-se!

Da porta da sala de estar, Hester disse: — Eu até te perguntava o que achas que estás a fazer, mas seria uma pergunta idiota.

— Ah, olá. — Baixando-se, Millie apanhou as clementinas que tinham rebolado para debaixo da mesa. Tinha-as deixado cair tantas vezes que naquele momento já estavam tão moles e húmidas como implantes de seios.

— Estás a fazer malabarismo — disse Hester com um tom acusador.

— Não estou a fazer, pois não?

— Não, na verdade não estás. Estás a *tentar* fazer malabarismo.

— Passei a tarde toda a tentar fazer malabarismo... um, dois, três... raios! A Judy esteve a ensinar-me. Ela disse-me que era fácil, — queixou-se Millie, — mas não é, é completamente impossível!

— Então, para. Não faças.

— Dois, três, quatro... que treta. E não, *não vou* parar. — Millie apanhou teimosamente a clementina acabada de cair. — Não vou deixar-me derrotar por isto.

— Tu até deixaste o correio em cima do tapete — queixou-se Hester, acenando as pilhas de envelopes como uma mão de póquer. — Pisei-os quando abri a porta. Ugh! — Curvou o lábio num gesto de repugnância quando ela folheava a desinteressante coleção. — Agora sei porque não os apanhaste. Contas de água, telefone, extrato assustador de banco, conta do gás... pesadelo.

— Uma carta do Nat. — Millie reconheceu a caligrafia no último envelope.

— Se estivesse cheio de dinheiro, eu podia até ficar entusiasmada — disse Hester, irritada. — Telefonaste ao Lucas?

Hester era realmente um caso perdido.

— Não — disse Millie. — Embora me tenha passado pela cabeça escrever ao Nat, para o manter informado de... tudo. — Oscilou as sobranças.

— Sinceramente, não fazes ideia do quão não assustador isso é. — Hester abriu um sorriso. — Sabes bem que *nunca* farias uma coisa dessas.

— Posso fazer — protestou Millie. — O Nat também é meu amigo.

— E isso não faz diferença nenhuma. — Hester fez um ar presunçoso.

— Porque eu sou a tua *melhor* amiga.

— Posso sempre despromover-te.

— Tu nunca farias isso. Adoras-me demasiado. Ligas ao Lucas amanhã?

— Talvez.

— Por favoooooor!

— Vou pensar no assunto. — Millie soltou um suspiro. — E enquanto penso no assunto, talvez queiras fazer-me uma tosta de queijo e Marmite¹ e uma grande chávena de chá.

E, algumas horas depois, a ficha caiu. Hester tinha saído novamente e estava naquele momento a dar o litro no ginásio e, sem qualquer dúvida, a secar o rosto com uma toalha de mãos de dois em dois minutos para a maquilhagem não esborratar. Depois de chapinhar alegremente no banho e de se pôr a par dos acontecimentos em *EastEnders*, Millie deambulava pela cozinha, de roupão, em busca de biscoitos. Sem Hester por perto, parecia que ia ter de fazer o próprio chá.

Enrolando descontraidamente a ponta do cinto do roupão numa girândola, Millie comeu um biscoito e esperou que a água fervesse. As faturas que tinham chegado naquele dia estavam largadas na bancada à espera de serem arquivadas. No caixote do lixo, onde todas as contas que não tinham ÚLTIMO AVISO impresso a ameaçadoras letras vermelhas eram meticulosamente arquivadas.

Vapor começou a sair do bico da chaleira. Contando em silêncio, Millie tentou adivinhar o momento exato em que a chaleira desligaria automaticamente.

(As palavras «Arranja uma Vida» vieram-lhe à cabeça, mas era um jogo suficientemente inofensivo e ela gostava.)

— Três, dois, um... *agora*.

Clique, fez a chaleira.

E *tlimmm*, fez a ficha quando, de repente, finalmente caiu.

— Oh! — exclamou Millie em voz alta, coração aos pulos como Hester nos seus exercícios.

Vasculhando o monte de contas, não demorou nada a encontrar o que procurava.

Sou mesmo uma idiota, pensou Millie. *Por que diabos não pensei nisto antes?*

Ali estava, na conta detalhada do telefone, o número do telemóvel para onde ligara à meia-noite e meia hora do dia 3 de maio.

Simples.

Quatro minutos e trinta segundos, reparou Millie. Fora essa a duração da conversa entre ela e Hugh Emerson. Engraçado quanto caos e estrago se podia infligir em quatro minutos e trinta segundos. Para não falar de dor, constrangimento, vergonha e remorso amargo.

¹ Creme para barrar, de levedura, muito utilizado pelos ingleses, mas muito pouco apreciado pelo público em geral. (N. da T.)

Capítulo 9

Precisando de tempo para pensar, Millie serviu-se de uma mão-cheia de *Garibaldis* e fez a tal chávena de chá.

Ok. Certo. Precisava, sem dúvida alguma, de telefonar ao homem e desculpar-se convenientemente, porque a horrível culpa não ia desaparecer por vontade própria.

Mas ela também não estava exatamente desejosa de ouvir aquele tom de voz desdenhoso e gélido assim que dissesse a Hugh Emerson quem era.

Quero que ele fale comigo naquela voz adorável e calorosa, pensou Millie com tristeza. Era estranho, mas ela desejava avidamente ouvi-lo falar-lhe novamente daquela forma descontraída e amistosa.

Ok, era verdade que da última vez ele só tinha parecido amistoso durante uns vinte e cinco segundos, mas... bem, aqueles vinte e cinco segundos tinham deixado marca.

Os dedos dos pés de Millie começaram imediatamente a formigar e a enroscar-se de entusiasmo quando uma ideia começou a germinar na sua mente.

Hugh Emerson seria certamente de longe mais simpático se não soubesse que era com ela que estava a falar.

Foram precisos mais quinze minutos de reflexão sobre as hipóteses, de aperfeiçoamento do plano e de estudo de todas as possibilidades antes de Millie reunir coragem para marcar o número.

Trrim, trrim.

Trrim, trrim.

Claro que ele podia não estar. Podia ter saído...

— Está?

Ah! Era ele! Segurando o telefone contra o ouvido, agarrando-se a ele com todas as forças, Millie inspirou profundamente e lançou-se no discurso que tinha, ao verdadeiro modo *Blue Peter*, preparado anteriormente.

— Joe? Oh, ainda bem que estás em casa. Estou muito atarralhada, preciso da tua ajuda antes que dê em louca. Estou aqui encalhada numas

palavrras crruzadas horríveis que estão a dar comigo em doida. Escuta, são sete letrras...

— Desculpe, — consegui dizer finalmente Hugh Emerson, — mas acho que se enganou na pessoa.

Millie fingiu deleite. — Oh, Joe, nã' brrinques comigo, nã' consegues enganar-me! — *Ups, o sotaque está a falhar um bocadinho, tenho de mantê-lo. Pensa em escocês, pensa no Sean Connery, pensa no Billy Connolly e... quem mais? Ah, sim, no Rab C. Nesbit.* — Ouve-me, a prrimeirra pista é... sete letrras... 'tás prreparado, Joe?

— Estou preparado, mas continuo a não ser o Joe.

Millie ouviu a diversão na voz dele e imaginou-o a abanar a cabeça por causa do engano dela. O delicioso formigueiro nos dedos dos pés subiu até aos joelhos.

— Oh, não! Nã' és mesmo tu, Joe? — Com indignação, disse: — Então, nesse caso, quem és tu e que estás a fazer a atender o telefone do Joe?

Hugh riu-se e depois disse com delicadeza: — Deve ter ligado para o número errado.

— Não! A sérrio? Oh, peço perrdão! — Millie riu-se também, de uma forma que esperava ser tipicamente escocesa. *Pensa Local Hero, pensa no Mel Gibson no Braveheart, pensa Taggart.*

— Não tem problema — respondeu Hugh Emerson com descontração.

— Oh, deve achar que eu sou uma autêntica tagarrela, por nã' me calar. Bem, acho que é melhor deixá-lo em paz... — Millie baixou o volume da voz para simular arrependimento.

— Olhe, já que aqui está, bem pode colocar-me a dúvida — disse Hugh Emerson. — Disse-me sete letras? Qual é a outra pista?

Simmm! Recostando-se no sofá, completamente em êxtase, Millie pontapeou o ar como um besouro. Era essa a maravilha das palavras cruzadas: ninguém conseguia deixar passar a oportunidade de se exhibir.

— Ok, é o título de um filme do Humphrey Bogart, *O Falcão* qualquer coisa. — Ups, alerta sotaque; com o entusiasmo, ela esquecera-se por completo de ser escocesa. Para compensar, acrescentou rapidamente: — Oh, é muita, muita difícil, nã' faço a mais pequena ideia.

— *Maltês* — disse Hugh Emerson.

Merda, demasiado fácil. Era nitidamente um homem com conhecimento de Bogart.

— Fantástico! — exclamou Millie. — Agora, o dezoito horizontal são duas palavras, cinco e oito letras... oh, não posso ocupar assim o seu tempo, nã' devia mesmo estar a imporrtuná-lo.

— Não faz mal. Dispare.

Millie ficou tensa; agora ele parecia ligeiramente condescendente, como se ela não passasse de uma tolinha que não soubesse a resposta a uma simples questão.

— Ele escreveu o filme de mil novecentos e cinquenta e quatro, *O Sétimo Samurai*. . . oh, espere, foi. . . oh, como é que ele se chama, Akira qualquer coisa. . . sim! Akira Kurosawa!

— Isso mesmo. Muito bem. — Para encanto de Millie, ele parecia surpreso. Até impressionado. Ah, afinal, de repente, ela não era assim tão burra.

Ainda mais crucial, ela estava empatada com ele.

Um a um.

Ele era homem; ela sabia que ele não ia ser capaz de resistir.

Com um tom superdescontraído, Hugh Emerson disse: — Mais alguma?

Oh, ele falava de um modo tão encantador, tão charmoso, tão. . . *simpático*.

— Se tem a certeza — disse Millie em tom de brincadeira.

— Dispare.

— Ok. O ator que fez de Tonto no *The Lone Ranger*. . . oh, na verdade acho que *sei* esta. . .

— Jay Silverheels — disse Hugh prontamente.

E com uma ponta de triunfo na voz.

— Sim! — exclamou Millie. — Cabe. Muito bem. Credo, você deve ser ancião, para se lembrar do *Lone Ranger*.

Ele riu-se. — Muito obrigado. Nunca ouviu falar de reposições?

— Oh, desculpa esfarrapada.

— Na verdade, tenho vinte e oito anos.

Eu sei, pensou Millie com o corpo todo a formigar num frenesim, *sei exatamente que idade tens. Até sei o dia do teu aniversário*.

— Bom, se é de reposições que estamos a falar, eu sou mais *Munsters*.

— E eu aposto que você gostava de ter cabelo preto comprido como a Lily Munster.

— Eu tinha! Eu tinha! — guinchou Millie, fora de si com o entusiasmo.

— Eu costumava passar *horas* a treinar o andar deslizante dela e a besuntar a boca com caneta de feltro vermelha porque a minha mãe não me emprestava o batom.

— Aposto como não se lembra do tema de abertura.

— Ah, lembro-me, pois! — retorquiu Millie alegremente. — Adoro aquela música, está praticamente gravada no meu coração!

— A propósito, como vai o enjoo? — disse Hugh, antes que ela tivesse tempo de inspirar e lançar-se com vontade na dita música.

— Enjoo? Não há absolutamente nada de errado em ser-se uma fã do *Munsters*! Agora ser-se fã do *Star Trek*, concordo que seja um bocadinho...

— Estava a falar de enjoos matinais.

Millie franziu o sobrolho. Seria uma *piada Munster* que estava a escapar-lhe? Durante uns segundos ficou sem saber o que responder.

— Não tens? — perguntou Hugh Emerson. — Pensei que a maioria das gravidezes envolvessem enjoos matinais. — Fez uma pausa para que o significado do que acabava de dizer fosse compreendido.

Sem dúvida sentindo-se agora enjoada, Millie gaguejou: — Eu n-não... n-não...

Com um tom calmo, ele prosseguiu: — És a miúda que me ligou no outro dia, não és? Para me dizer que estavas à espera de um filho meu?

Era esse o problema com os buracos no chão, nunca estavam por perto quando mais se precisava deles.

Merda, logo quando ela também estava a divertir-se!

Uma inalação profunda, muito profunda.

— Desculpa, estou muito arrependida. Juro que é por isso que estou a telefonar-te, para te dizer como ainda me sinto tão mal com o que fiz — disse Millie sem pensar, para não variar. — Eu queria escrever, mas não guardei a tua morada e esta manhã, quando chegou a conta do telefone, senti como se me tivesse sido dada uma segunda oportunidade... mas não consegui dizer-te logo quem era com receio que começassem a gritar e me desligassem o telefone na cara, e estava tão desesperada para te ouvir a falar normalmente em vez de pareceres um balde de gelo. Eu ia mesmo confessar, — disse ela, concluindo a ofegante torrente de desculpas, — juro que sim, mas quando começámos a falar e tu foste tão agradável... eu estava a sentir-me tão bem que estava continuamente a adiar e a adiar.

— Não há palavras cruzadas nenhuma. — Hugh Emerson falou sem emoção.

Millie soltou um suspiro. — Não.

Havia muito a dizer por ter floreado a verdade — caramba, no passado ela tinha sido conhecida por florear toalhas de mesa — mas naquele momento ela sentia que devia ser honesta com ele.

— Akira Kurosawa — disse ele, incrédulo. — Como sabias isso?

— É o filme favorito do meu pai — confessou Millie. — Comprei-lho no Natal passado.

— E o verdadeiramente abismal sotaque escocês-galês-irlandês. Onde foste buscar *aquilo*?

— Desculpa. — Millie afundou-se nas almofadas do sofá num gesto de derrota. — Sotaques nunca foram o meu forte.

— Devo concordar que não. Parecias o Russ Abbott.

Sinceramente, era como estar a fazer audição para um papel principal na Broadway. Ele tinha de ser assim tão crítico?

— Estava a tentar algo parecido com Rab C. Nesbit — disse Millie.

Parecendo agora um diretor completamente enfadado, Hugh Emerson respondeu: — Deixa-me dizer-te um pequenino segredo. Os escoceses não começam todas as frases com oh.

— Pois — disse Millie com humildade. — Lamento.

— Não paras de dizer o mesmo.

— Mas lamento mesmo. Já te disse que liguei para pedir desculpa.

— Para limpar a consciência, queres tu dizer — disse Hugh Emerson de modo arrastado.

Ele não estava certamente a facilitar as coisas. Determinada a não gritar algo petulante e a não bater com o telefone, Millie estava todavia contente por ele se encontrar a trezentos e tal quilómetros de distância em Londres.

— Para limpar a consciência? Ok, sim, isso também. — Millie ouviu o próprio tom de voz alterar-se, de bajulador para brusco. — Então nunca te aconteceu dares acidentalmente um passo em falso, é isso que estás a dizer-me? Não sabes o que é embaraço. Passaste a vida toda a fazer e a dizer *exatamente* a coisa certa.

Brusco com uma ponta de acusação.

— Exatamente — respondeu Hugh Emerson.

— Bem, nesse caso, parabéns. És *oficialmente* o homem mais sortudo à face da Terra.

Assim que as palavras saíram da sua boca, Millie arrependeu-se delas. Se a sua língua fosse suficientemente longa e encaracolada, como a de um papa-formigas, ela tê-la-ia projetado, voltado a apanhar as palavras e engolido as mesmas.

Porque ele não era o homem mais sortudo à face da Terra, pois não? A mulher estava morta.

Raios partissem a sua tentativa de sarcasmo. Agora ele podia realmente criticá-la.

Não se atrevendo a respirar, Millie preparou-se para a resposta causticante.

— Mas, na realidade, agora que falas nisso... — Hugh Emerson parecia pensativo. — Houve uma altura em que eu disse a uma miúda: «Estiveste a comer biscoitos, limpa essas migalhas da cara». E ela respondeu: «Não são migalhas, são verrugas».

— Não! — Millie emitiu um grito de deleite. — Não fizeste tal coisa! Não acredito!

— Verdade — admitiu ele.

— Mas pediste-lhe desculpa.

— Bem, eu tentei — disse Hugh. — Mas não sei se ela ouviu.

— Porque não?

— Os meus seis amigos estavam a fazer um bocado de algazarra, a bater na mesa e a gritar: «Boa, Hugh», e a rir às gargalhadas.

Millie riu-se também, eufórica por, afinal, não estar prestes a ser massacrada. Ele tinha-a safo, e o alívio era monumental. Na verdade, ele corria o perigo de soar quase humano de novo.

— Já agora, obrigado por me teres enviado a carteira — disse Hugh. — Por curiosidade, onde foi que a encontraste?

— Aqui em Newquay. Debaixo de um arbusto em Furness Lane. — Como ele era um turista, Millie acrescentou: — É uma das estradas que vai dar à beira-mar.

— Eu levava o casaco na mão. — Ele parecia arrependido. — Deve ter caído do bolso interior.

— Vocês, homens... não sei como conseguem arranjar-se sem mala. Sinceramente não sei.

Durante a pausa que se seguiu, Millie indagou-se se teria feito asneira de novo. À medida que o silêncio se prolongava, ela imaginou — com um horror crescente — as possibilidades arrepiantes. Talvez a mulher dele tivesse morrido tragicamente como resultado de a alça da mala ter ficado acidentalmente enrolada em volta do pescoço.

Talvez estivesse a dançar em redor da mala quando tropeçara na alça, perdera o equilíbrio, batera com a cabeça na borda de uma mesa, tivera uma hemorragia cerebral e morrera.

Ou talvez tivesse sido atacada por um ladrão que tentara roubar-lhe a mala e, quando ela não a soltara, ele puxara-a para debaixo das rodas de um autocarro que ia a passar.

Caramba, havia muitas maneiras de ser morta por uma mala, era praticamente uma arma mortífera.

James Bond conseguia fazer muito pior se desistisse da sua Walther PPK e começasse a andar de mala, decidiu Millie.

Mas quando Hugh falou finalmente, não houve menção a malas. Nem qualquer sinal de ela ter cometido outro hediondo passo em falso.

— Ok, escuta, diz que não, se não quiseres, mas gostava de te pagar um copo. — Fez uma pausa. — Para te agradecer teres-me devolvido a carteira.

— Céus, isso é de loucos. — Millie abanou a cabeça. — Vir de Londres até à Cornualha para uma bebida com uma completa estranha.

— Perdi aquela carteira há dois meses. Já não vivo em Londres. — Soando divertido, Hugh explicou: — A estação dos correios está a reencaminhar-me a correspondência.

Oh. Oh.

— Oh — disse Millie, espantada. — Então onde vives agora?

— Nos arredores de Padstow. Comprei uma casa não muito longe de Constantine Bay.

Oh, Deus seja louvado, e também nada longe de Newquay.

Tenho um encontro, pensou Millie, desligando pouco depois o telefone, algo aturdida. *Fiz e aconteceu e consegui um encontro com um estranho completo. Nunca o vi, mas o som da voz dele causa-me sensações esquisitas e o riso dele provoca-me formigueiro nos dedos dos pés.*

Contará como um encontro verdadeiro?

O telefone tocou novamente cinco minutos depois, quando Millie estava na cozinha a verter molho chili por cima de uma taça de batatas fritas.

— Olha, sou eu de novo. — Hugh Emerson tinha evidentemente ligado para o 118. — Esqueci-me de perguntar se és casada ou solteira.

Glup.

— Oh. — Millie estremeceu com prazer, lambeu molho chili dos dedos (uau, quente!) e disse: — Bem, na verdade, solteira.

Millie estava envergonhada por causa da promessa que fizera a Hester, mas não fazia mal. De qualquer forma, tinha sido uma ideia completamente estapafúrdia.

— Namorado?

— Não, nada de namorado — disse Millie alegremente. — Ninguém. Absolutamente ninguém!

— Certo. Bem, só queria esclarecer as coisas. Não se trata de um encontro, ok? Vou pagar-te um copo para te agradecer por me teres devolvido a carteira. Um copo, mais nada.

— Hum... — O coração de Millie desmoronou. — ...ok.

— Não é um encontro. Compreendes isso, não compreendes? Não é propriamente um encontro.

— Não é um encontro. Ok, perfeitamente, não podia concordar mais contigo. — O coração de Millie já tinha, naquele momento, chegado às botas; bem, teria lá chegado se ela estivesse de botas. E os dedos dos pés também já não estavam a encracolar-se. Estavam ali, tristes e deprimidos no chão da cozinha.

— Encontros não fazem parte dos meus planos — explicou Hugh com delicadeza. E, sem necessidade nenhuma, dadas as circunstâncias. — Desde a morte da minha mulher. Só precisava de me certificar que tu compreendias. Eu não... saio para encontros.

Uma vozinha na cabeça de Millie — na realidade, a voz de Hester — sussurrou triunfantemente: — Ah, ah, bem feito. Ah, ah, ah, AH, AH.

— Não te preocupes — disse Millie com o máximo de sinceridade alegre que conseguiu reunir. — Quero dizer que concordo contigo. Completamente. Eu também não.

Capítulo 10

Ora, ora, Millie Brady, anda cá e deixa-me olhar bem para ti. — Lucas Kemp estendeu os braços, cumprimentou Millie com um beijo em cada face e deu-lhe uma longa olhadela de cima a baixo. Sorrindo largamente, disse: — Linda, linda. Não mudaste nada.

— Nem tu. — Millie também estava a sorrir; ela já tinha esquecido o sedutor incorrigível que ele era. Bem, não tinha esquecido que ele era um sedutor (isso seria como esquecer que as bananas eram amarelas), era a extensão desse facto que se tinha desvanecido da sua mente ao longo dos anos.

Lucas Kemp engatava até uma mesa de cozinha, desde que fosse uma mesa feminina. Não deixava escapar nada.

Na verdade, Millie tinha de admitir que o próprio Lucas ainda estava com muito bom aspeto. Especialmente considerando a vida que tinha provavelmente levado. Quando, seis anos antes, saíra da Cornualha para procurar protagonismo enquanto DJ em Londres, o cabelo tocava-lhe os ombros, as patilhas eram longas e pontiagudas e cultivava o estilo de roupa à Rod Stewart que era tão fácil de ridicularizar. Particularmente em Newquay.

Agora o cabelo era mais curto, as patilhas ainda lá estavam, mas menos pontiagudas, o nariz de falcão grande como sempre. Trazia uma camisola preta lisa com as mangas arregaçadas e calças pretas. Nada de meias. Nem sapatos. *Melhor ainda para despir em dez segundos e saltar para a cama com a conquista seguinte*, pensou Millie, reprimindo divertimento.

De qualquer forma, estavam no escritório de Lucas Kemp, no piso térreo da sua casa, e ele podia usar o que quisesse.

Bem, de preferência desde que não fossem suspensórios e galochas.

— Muito bem, vamos ao que interessa. — Lucas sentou-se na beira da secretária e fez sinal a Millie para que se sentasse na cadeira de pele. — Então achas que tens estaleca para este tipo de trabalho?

— Preciso de trabalhar, parece-me divertido, sei andar de patins em rodas e não me importo de fazer figura de parva. Que mais posso dizer-te?

— Perfeito — disse Lucas alegremente. — E striptease?

Ui!

— Lamento — disse Millie com firmeza. — Não me importo de me mascarar com coisas idiotas, mas nem pensar que me vou despir.

— Uma pena. Estrias?

— Não! Que descarado! — exclamou Millie antes de se aperceber que ele estava a brincar.

— Mais, — disse ele a sorrir novamente, — vais precisar de sentido de humor.

Lucas passou os trinta minutos seguintes a ouvi-la cantar, a vê-la dançar, a explicar no que consistia o trabalho e como era gerido o negócio.

Finalmente, disse: — Bem, e é tudo. Bem-vinda ao Kemp's.

— Queres dizer que estou contratada? — Millie estava surpreendida. — Passei no teste? Queres-me mesmo?

Ups, coisa errada de se dizer. Os olhos verdes de Lucas enrugaram nos cantos da forma cúmplice que ela tão bem conhecia. Não que ele alguma vez a tivesse tratado dessa forma, era simplesmente a maneira de ser de Lucas. Ele fazia o mesmo a toda a gente. Mesas de cozinha incluídas.

— Quero-te mesmo. — As palavras foram acompanhadas por um divertido erguer de sobrancelhas. Estendendo as mãos, continuou: — Eh, quem não quereria? Com esse corpinho e esses olhos, já para não falar no cabelo. — Lucas abanou a cabeça, aparentemente perdido com deslumbramento. — Sabes o que sempre me fizeste lembrar? A fada no topo da árvore de Natal.

— Maravilha, muito obrigada — gemeu Millie. Quando se passava a vida a desejar ser a Lily Munster, aquilo não era um elogio.

— E como vão as coisas? Casada? Solteira? Gajo fixo?

Na noite anterior, Hugh Emerson tinha-lhe feito a mesma pergunta.

— Lésbica — disse Millie.

Mas é claro que a resposta não desencorajou Lucas. De facto, os olhos dele iluminaram-se.

— *Fabuloso.*

— Nem por isso — disse Millie rapidamente antes que ele começasse a formular planos para um kd² langograma todo meloso. — E não, de momento não estou envolvida com ninguém. Estou a fazer uma pausa no que diz respeito aos homens.

Ele ainda estava com um sorriso afetado. — Lucas, foi uma piada seca, não estou realmente interessada em mulheres. E tu?

— Eu? Oh, eu estou definitivamente interessado em mulheres.

² Referência à famosa cantora lésbica canadiana k.d. lang. (N. da T.)

— O suficiente para te casares com uma?

Ele fez um ar horrorizado.

— Não, obrigado.

— Namorada?

— Bem, sabes como é... mantenho-me ocupado.

O mesmo Lucas de sempre, pensou Millie com um sorriso. Isso significava que estava envolvido com meia dúzia, raparigas que via muito ocasionalmente quando lhe dava jeito e a quem, indubitavelmente, tratava pessimamente, como sempre fizera nos velhos tempos.

Como que em seguimento da conversa, quando a acompanhava à porta, Lucas disse: — A propósito, como vai a Hester? Mantiveram-se em contacto?

— Ah, sim.

Ele pareceu agradado. — Isso é ótimo. Que faz ela hoje em dia?

Fala de ti, basicamente. Isto é, quando não anda a correr por Newquay a tentar encontrar-te por acaso.

Em voz alta, Millie disse: — Está no ramo da joalharia. — Bem, sempre causava melhor impressão do que dizer-lhe que Hester vendia brincos excêntricos numa banca do mercado de Newquay.

— A sério? E onde vive ela agora?

Cá vai.

— Comigo. — Millie virou-se e lançou-lhe um olhar extrassério. — E não, antes que penses sequer isso, ela também não é lésbica.

Lucas riu-se.

— A velha querida Hester, sempre foi uma pândega.

Oh, céus, pensou Millie, a coisa não era muito promissora. Hester não iria certamente sentir-se lisonjeada. Velha e pândega, era uma calúnia ultrajante à sua personalidade.

Apercebendo-se de que ele ainda estava a falar, Millie disse: — Desculpa, que disseste?

Lucas repetiu descontraidamente: — E ela também ainda é solteira?

Era como um condicionamento pavloviano, decidiu Millie, ele não conseguia simplesmente resistir a fazer a pergunta. Alguns homens nunca se dão por satisfeitos.

— Credo, não! A Hester tem um namorado lindo — disse ela a Lucas com entusiasmo. — Ele é maravilhoso, os dois formam o casal perfeito, a Hester é completamente feliz com ele. A sério, um amor de sonho.

Millie indagou-se se teria exagerado no elogio, se teria sido demasiado efusiva. Lucas era um homem que gostava do desafio da conquista... a ideia de Hester poder estar mais feliz com outra pessoa do que fora com ele podia captar-lhe o interesse.

As palavras touro e pano encarnado vieram-lhe à mente. Oh, céus, ele podia ver esse facto como um desafio irresistível.

Mas tudo o que Lucas fez foi abanar a cabeça e sorrir despreocupadamente enquanto lhe abria a porta da rua.

— A velha querida Hester. Isso são ótimas notícias. Estou feliz por ela. Então vejo-te amanhã ao meio-dia e apresento-te o resto da equipa... Raios, desculpa.

Lucas atendeu o telemóvel enquanto se dirigiam ao Mini verde-lima, salpicado de lama, de Millie. Ela ouviu Lucas persuadir alguém chamada Querida a desculpá-lo por a ter deixado pendurada na noite anterior. Enquanto o fazia, piscou o olho a Millie e mimou um desespero bem-disposto.

Quando o telefone já estava desligado, ela disse: — Não mudaste nada.

— Na verdade, mudei. — Lucas apertou-lhe o ombro. — Melhorei.

Millie fez um ar cético.

— Em quê?

— Querida, — ergueu uma sobrancelha, — vai por mim, tudo o que possas imaginar.

— Então? — perguntou Hester, puxando-a com tanta força para dentro de casa que Millie quase fez ricochete na parede. — Está gordo? Está careca? Perguntou por mim?

— Na mesma como a lesma. E não, não está gordo. E sim, perguntou por ti.

Hester emitiu um grito de alegria.

— E que disseste tu?

— Disse-lhe que estavas seriamente envolvida com o homem mais encantador do mundo.

— Meu Deus, não! Porque foste dizer uma coisa dessas?

— Porque é verdade. Estás mesmo.

Hester refletiu no assunto durante alguns segundos. Por fim, disse: — Talvez isso lhe provoque ciúmes. Talvez se indague sobre o que pode estar a perder.

— Seja como for, consegui o emprego, muito obrigada por perguntares — disse Millie. — Estou contente por estares tão interessada.

— A sério? Maravilha. Talvez eu pudesse fazer o mesmo. — Hester animou-se com a perspectiva de trabalhar para Lucas.

— Mas tu não sabes cantar — lembrou-a Millie. — Tens de saber cantar.

— Merda. Tens a certeza? — Hester fez um ar esperançoso. — Não posso antes arrancar simplesmente o top?

...

Orla Hart estava na estufa da sua espetacular casa nova com a sua deslumbrante vista para o mar a ver Giles, seu adorado marido havia dezasseis anos, sair do carro e acenar-lhe.

Oh, Giles, andas outra vez na mesma? Andas?

Andas a trair-me?

Orla desviou os longos cabelos castanhos-avermelhados da testa, sorriu e acenou em resposta. Um amoroso marido fiel, era só isso que queria. Decerto não era pedir muito, pois não? Giles tinha uma vida maravilhosa, viviam bem — muito bem — e ele era livre de jogar golfe sempre que queria.

Então porque tinha ele de estragar tudo, envolvendo-se naquelas relações ridículas e sem significado?

Pensar nisso causava quase uma dor física no peito de Orla. Ela odiava, odiava completamente, ter de ser desconfiada, sempre à procura de pistas. Não só era deprimente, como também cansativo. Ela já se sentia exausta naquele momento, e era ainda meio-dia.

Contudo, pelo menos naquele dia ela tinha outra coisa prevista para lhe desviar a atenção de Giles e do que quer que fosse que ele andasse a tramar nas suas costas.

Mas não ainda.

— Olá, querido! Conseguiste o que querias? — Orla cumprimentou-o animadamente quando ele entrou na estufa. Embora se tratasse de uma pergunta retórica, já que Giles conseguia sempre o que queria.

— Jornal. — Ele acenou-lhe com um exemplar do *The Times* e depois ergueu um saco Fogarty & Phelps azul-escuro. — Azeite de trufa e presunto Serrano da mercearia. Caixa de charutos. Oh, e mais algumas garrafas daquele porto tawny.

Portanto, compras para dez minutos e ele tinha estado fora de casa durante hora e meia.

O estômago de Orla estava em nós. Ela não queria pensar daquela forma. Oh, Deus, porque é que toda a sua vida tinha de estar crivada de dúvidas? Como se lesse os seus pensamentos, Giles acrescentou despreocupadamente: — Mais algumas outras coisitas. E o trânsito estava diabólico, é claro. A cidade está apinhada de turistas.

Bem, essa parte era definitivamente verdade. Estava realmente. Detestando-se pelo que ia fazer, Orla foi ao encontro de Giles e deu-lhe um abraço de boas-vindas. Quando o fazia, inalou lentamente, sentidos em alerta vermelho para detetar o mais ténue sinal de perfume.

Qualquer perfume, mas particularmente L'Heure Bleu.

Mas não havia, não havia, para seu grande alívio! Detestando-se dessa vez por ter duvidado dele, Orla disse abruptamente: — Sabes o quanto te amo?

Teria sido bom, naquele momento, se Giles tivesse respondido de um modo romântico. Mas os homens eram assim, pareciam nunca compreender a importância do romance. Em vez disso, Giles deu-lhe umas pancadinhas no cotovelo e disse: — Estou a morrer de fome... céus, que *é aquilo?*

Estava a espreitar por cima do ombro dela. Orla deu meia-volta e viu que a atenção dele tinha sido captada por um geriátrico Mini verde-lima que deixava uma nuvem de pó à medida que se aproximava da casa.

— Cuidado, os hippies chegaram à cidade. — Giles riu-se da incongruência da cena quando o Mini travou ao lado do seu BMW imaculadamente branco. — Mas afinal, que é isto? Queres que os ponha daqui para fora?

— É a Millie, — disse Orla, — a miúda de quem te falei.

Bem, de quem lhe tinha falado alguma coisa. Ela não tinha mencionado as circunstâncias do primeiro encontro à beira do penhasco ventoso em Tresanter Point.

— Oh. Essa. — A mão de Giles deslizou da curva do cotovelo dela. — Não consigo imaginar como achas que isto vai funcionar. É uma ideia ridícula.

— Talvez. Mas vou para a frente com ela.

Conhecida pela sua natureza alegre e descontraída, Orla raramente batia o pé. Mas quando o fazia, era inabalável. De um modo agradável, disse: — Queres almoçar connosco?

Giles fez um ar de como se ela tivesse acabado de lhe pedir que comesse as próprias cuecas.

— Porque é que haveria de querer?

— A Millie é encantadora. Muito divertida. Ias gostar dela.

Orla não tinha grandes expectativas.

— Ah, e ela pode acabar por te custar milhões. Não, obrigada. — Giles mimou um arrepio de horror. — Não vos acompanho desta vez, se não te importas. Vou passar a tarde no clube.

Capítulo 11

Se era assim que viviam os autores famosos, não admirava que não tivesse Socorrido a Orla que havia algumas pessoas que não podiam dar-se ao luxo de ter um jardim nas traseiras.

A casa era incrível, vasta e extremamente glamorosa, e pintada num tom tão deslumbrante de branco que lhe fazia lembrar dentes hollywoodescos. Branco ultrabrilhante com uma ponta de *Baywatch*. Mas, apesar dos ângulos modernos, soalho de faia polida e intermináveis conjuntos de janelas de moldura branca, não era desagradável. Orla tinha recheado as assoalhadas frias e amplas com flores, almofadas de cores vivas e um conjunto eclético de quadros e serigrafias. A luminosidade era imaginativa, os sofás convidativos e as vistas — nem era preciso dizer — fantásticas.

— E aqui é o meu gabinete de trabalho. — Depois de lhe conceder uma visita guiada, Orla abria naquele momento a última porta do patamar. — Onde escrevo.

Millie ainda não fazia ideia da razão que levava Orla a convidá-la a ir lá naquele dia, mas estava certamente a divertir-se. Almoço e uma espécie de proposta, dissera Orla. Como ela sabia que Orla estava a sentir-se em parte culpada por ela ter perdido o emprego, Millie calculava que ela estivesse prestes a oferecer-lhe uma espécie de trabalho em part-time — talvez datilografar ou arquivar — para compensar.

O gabinete de trabalho era inteiramente funcional, com um computador de última geração instalado a um canto. Móveis de arquivo alinhados numa parede, estantes noutra. Os estores estavam descidos, protegendo Orla da tentação de olhar ociosamente para a vista exterior. A cadeira rotativa em frente ao PC estava velha e surrada, e parecia profundamente desconfortável.

— Eu sei — disse Orla. — É a cadeira da sorte. Seis libras e meia, há doze anos, e meia hora depois de estar sentada nela, as costas estão dormentes. Mas é a minha cadeira favorita para escrever.

As estantes de livros estavam cheias de exemplares dos romances de

Orla; capas duras, capas moles e edições em línguas estrangeiras, centenas deles de todos os tamanhos e cores.

— E é assim que planeia o seu trabalho? — Millie espreitou para a série de diagramas presos pelas paredes. Cada gráfico estava coberto por uma miscelânea de nomes, setas e detalhes biográficos e tinha sido usada uma caneta de feltro de cor diferente para cada uma das personagens. Debaixo dessas descrições, estavam anotados e referenciados títulos de capítulos, permitindo seguir meticulosamente os vários enredos e trabalhá-los.

— Deus! — exclamou Millie. — Não fazia ideia. Isto parece uma campanha militar.

Ela imaginara ingenuamente que os escritores se limitavam a sentar-se e a escrever o que lhes vinha à cabeça.

— Eu sei, eu sei. É exatamente assim. — Orla soltou um suspiro. — Rígido, regimental, tudo planeado desde o primeiro parágrafo até à última linha.

Millie ainda estava atarefada a apreciar os pormenores.

— E eu a pensar que a senhora inventava à medida que ia escrevendo.

— Credo. Pensava que eu era espontânea? — Orla sorriu ligeiramente e acendeu um cigarro. — Sentar-me todas as manhãs a pensar o que poderia acontecer a seguir? Não ter a mínima ideia do desfecho da história?

Havia um tom diferente na voz de Orla. A pensar que a podia ter ofendido, Millie oscilou as mãos e disse rapidamente: — Olhe, desculpe. Eu sou uma idiota completa e não sei nada sobre escrita de romances! Claro que têm de ser planeados...

— Mas a verdade é que — interrompeu Orla, — eu não planeio.

Lá estava outra vez o tal tom. Millie olhou para ela, confusa. Tinha perdido completamente o fio àquela discussão.

— É o que eu faço — continuou Orla, — porque é o que sempre fiz. Mas não é de facto obrigatório.

— Ah. Pois. — Millie anuiu apologeticamente. Estava a começar a desejar ter antes ficado em casa a treinar o malabarismo.

— Mas sente-se. — Tirando abruptamente uma folha de papel da gaveta da mesa de trabalho, Orla conduziu Millie até à desconfortável cadeira giratória. — E olhe para isto. Então talvez entenda.

Pôs-se em frente à janela, a fumar furiosamente e a puxar o punho da camisa lilás estilo boémio.

Quando Millie começou a ler a crítica fotocopiada do último romance de Orla, estremeceu em solidariedade. O crítico tinha entrado a matar, criticando o estilo e o conteúdo do livro e troçara alegremente das personagens. O artigo do jornal tinha o título: ORLA PERDE O ENREDO, e prosseguia dramaticamente desde esse ponto. Não fora deixada de fora nenhuma críti-

ca e a angústia não acabava aí. Eram feitas referências cruéis à vida pessoal de Orla. Ela estava a vender-se, a escrever em piloto automático, produzindo lixo que era um insulto aos fãs, apenas pelo dinheiro e provavelmente com o intuito de consolidar o casamento.

«Isto», concluía mordazmente a crítica, «é o pior livro que já li. Mas pelo menos fui pago para o ler. A não ser que alguém esteja disposto a pagar-lho, sugiro que faça a si mesmo um grande favor e deixe o último romance de Orla Hart ali firmemente na prateleira».

— Meu Deus — disse Millie, meio engasgada, olhando fixamente para Orla. — Isto é tão cruel.

— É uma forma de pôr a coisa. — O tom de Orla era descontraído, mas havia lágrimas cintilando nos seus olhos. Com vigor, apagou o cigarro.

— Conhece este homem? — De acordo com o jornal, o crítico era um tal de Christie Carson. A fotografia que acompanhava a crítica era de um homem de barba, rosto longo e de aspeto sardónico na casa dos cinquenta. — Nunca ouvi falar de nenhum Christie Carson. — Indignada, disse: — E ele é tão *feio!*

— A doninha peluda. — Orla estava a remexer freneticamente no maço de cigarros, nitidamente desesperada pelo cigarro seguinte. — Não, nunca o conheci pessoalmente. Mas gosto de pensar que também cheira como uma doninha. Homem desagradável, malévolo e invejoso. É um dos novos escritores irlandeses — explicou ela, porque Millie estava ainda perplexa. — Sempre a falar sobre literatura, integridade e verdade. — Torceu o lábio com desdém. — Oh, ele é um presunçoso, sempre a ser nomeado para um prémio e outro, mas não faz tanto dinheiro quanto eu. Eles tentam e fingem que não querem saber, mas na verdade estão roídos de inveja.

— Mas é precisamente por causa disso que não deve deixar isto perturbá-la. — Millie acenou-lhe com a folha A4 fotocopiada. — Não lhe dê essa satisfação. Ignore simplesmente!

— E conto o meu dinheiro — sugeriu Orla secamente. Passou os dedos pelo cabelo. — Fácil de dizer, não tão fácil de fazer. Da próxima vez que for estraçalhada por um estranho vingativo num jornal nacional, porque não me liga a dizer-me o quão fácil é ignorar. Desculpe, — oscilou os dedos incrustados de diamantes num pedido de desculpas, — mas não faz ideia de quanto magoa. Trabalhei duro para escrever um livro de entretenimento e é isto que recebo em troca, um homenzinho horrível qualquer a dizer-me que os meus enredos são inacreditáveis, as minhas personagens inverosímeis e o meu estilo de escrita cerca de seis degraus abaixo do de Jackie Collins.

Tentando ajudar, Millie disse: — Mas também deve receber cartas das pessoas que gostam dos seus livros.

— Recebo *montanhas* de cartas simpáticas. — A voz de Orla começou a erguer-se. — Mas essas não *contam*. São coisas más como esta que contam... é *isto* que me mantém acordada de noite...

— Essa proposta que disse ter para mim... — Millie intercetou-a a meio do discurso. — Terá por acaso alguma coisa a ver com este Christie Carson?

— Engraçado que você tenha mencionado isso — disse Orla, dando uma passa no cigarro seguinte. — Sim.

— Quer que lhe escreva cartas mal-educadas? Que o mate no meio da rua? Que espere que ele saia por alguns dias e meta camarões na caixa do correio?

Um sorriso muito ténue passou pelo rosto de Orla.

— Eu não desperdiçaria camarões num homem daqueles. Talvez cabeças de peixe podres.

Alarmada, Millie disse: — Era supostamente uma piada.

— Não precisa de o assassinar. — Orla abriu a porta do gabinete. — Venha, vamos lá para baixo. Falamos no assunto durante o almoço.

— Prometa-me que não vou ter de o seduzir — disse Millie.

Comeram salmão assado com batatinhas e salada de pimento vermelho assado.

— Está a ver? — disse Orla depois de expor o plano. — Você só tinha de ser como é.

— Não entendo. — Se estava a entender, era a ideia mais estapafúrdia que já tinha ouvido, pensou Millie. — Quer que o seu próximo livro seja a história de todas as coisas que me acontecerem nos próximos... quanto tempo? Seis semanas? Seis meses? Um ano?

— Não tem limite de tempo. O que for preciso para chegarmos a alguma espécie de final feliz.

Louco. Verdadeiramente louco.

— Então seria uma espécie de autobiografia minha?

— Biografia — corrigiu-a Orla. — E não, eu iria escrever um romance. Tudo seria ficção. Mas eu pagava-lhe para me dar o enredo.

— E se eu não conseguir? — Millie começou a rir-se, porque a perspectiva era muito ridícula. — Quero dizer, é que é bastante provável, sabe? Não tenho namorado, jurei manter-me afastada de homens até ao final do verão e tenho quase tanta vida social como uma embalagem de *noodles*. Detesto dizer isto, mas o seu romance não seria exatamente recheado de ação.

Orla não estava a rir-se. Encolheu os ombros e projetou o lábio inferior.

— Talvez não, mas pelo menos ninguém poderia chamar-lhe irreal e inverosímil e extremamente ridículo.

Millie pestanejou.

— Está preparada para fazer isto tudo por causa de uma má crítica.

— Na verdade, estou a fazer isto por várias razões. A primeira de todas, porque acho que você seria ótimo material — disse Orla. Levantou o copo de Frascati contra a luz para admirar a forma como o Sol refletia nele. — Para começar, pense como nos conhecemos. Depois há a maravilhosa história da carteira... e ter perdido o emprego... e conseguir outro emprego a trabalhar para o bonitão por quem a sua melhor amiga é completamente apaixonada...

— Ok, ok — disse Millie apressadamente. Ela não diria que a história da carteira era maravilhosa.

— Em segundo lugar, eu sairia da rotina do planeamento. Não saberia o que aconteceria em seguida, simplesmente porque ainda não teria acontecido! Por isso não há necessidade de me angustiar com o enredo — disse Orla alegremente. — E você não faz ideia do quão maravilhoso isso seria. Eu estaria livre!

Orla tinha razão; Millie não fazia ideia nenhuma do quão maravilhoso seria — o último texto de ficção que escrevera tinha começado por «Querida Tia Edna, muito obrigada pelo adorável par de calções que tricostaste para mim...»

— Continue — disse ela a Orla. — Que mais?

Orla voou até à sala de estar e voltou momentos mais tarde com um exemplar do seu último livro de bolso. Segurando-o de capa para a frente, para que Millie pudesse ver a capa instantaneamente reconhecível, disse: — Vê isto? É um grande sucesso de Orla Hart. Na verdade, é o décimo terceiro grande sucesso de Orla Hart, e até agora vendemos um milhão e meio de exemplares. O que é fantástico, é claro, tanto para mim como para os meus editores. Porque, para eles, sou a galinha dos ovos de ouro. Todos os anos eles têm como garantido que eu produzirei mais um livro.

— Ovo — disse Millie.

— Ovo de ouro — corrigiu-a Orla com um ligeiro sorriso. — Na verdade, um ovo maciço Fabergé incrustado de joias do tamanho de um sofá. E é por esse motivo que, quando eu quis mudar o meu estilo de escrita há alguns anos, eles não me deixaram. Convenceram-me a desistir para eu não abalar os lucros. Mas desta vez vou mesmo para a frente, vou acabar com as quecas obrigatórias, com os clichés, com todo o formato Orla Hart. Vou escrever um genuíno romance *literário*, só para provar a todos aqueles críticos sanguinários que consigo! — Enquanto falava, batia furiosamente na crítica que levava consigo para baixo. — E que se lixe quem se preocupa mais com o dinheiro do que comigo. — Fez uma pausa e depois acrescentou calmamente: — E isso serve também para o Giles.

Credo.

Millie anuiu com a cabeça, impressionada. Orla estava a aproveitar a oportunidade para castigar Giles por ter tido um caso extraconjugal. Talvez fosse também a sua maneira de o testar. Se aquela mudança de direção falhasse, Orla queria saber se ele continuaria a sustentá-la.

Na riqueza, na pobreza, na saúde e na doença.

— Teria de alterar todos os nomes — alertou Millie.

— Querida, eu sei disso. Pensei em chamá-la Gertrude.

— Continua a parecer um pouco drástico. — Millie olhou ponderadamente para a fotografia nada atraente de Christie Carson que estava por cima da crítica. — Não podia simplesmente ligar-lhe e gritar: «Arrogante!», e dizer-lhe que ele tem um nariz que parece uma alcachofra de Jerusalém?

Ele não tinha, mas Millie nunca deixava os factos interporem-se no caminho de um bom insulto.

— Nariz? Ah, mais a pila! E não pense que não me senti já tentada. — Orla serviu ambas de mais vinho antes de se instalar na sua cadeira branca de rotim. — Odeio aquele homem, odeio-o mesmo por escrever aquelas coisas horríveis sobre mim. — Fez uma pausa e depois fitou Millie com um olhar de exausta resignação. — Mas o que mais odeio é ter de admitir a mim própria que, nalgumas coisas, ele até tem razão.

Duas horas depois, antes de Millie sair, Orla preencheu um cheque no valor de cinco mil libras e enfiou-o na mão dela.

Oh, meu Deus. Cinco mil *libras*.

— A sério, não é preciso — protestou Millie, de forma nada convincente. Quão terrível se Orla dissesse: «Não? Então está bem, pode devolver-mo». Felizmente ela não o fez.

— Disparate — disse Orla com brusquidão. — Isto é um acordo de negócios. É justo que seja assim.

E era, decidiu Millie alegremente. Era realmente justo. Só que...

— Estou um pouco constrangida. E se a senhora acabar por escrever um livro em que a rapariga passa a vida a ver o *EastEnders*, a rapar as pernas e a tentar comer chocolate sem sujar a roupa?

Apesar dos anos de prática, nunca dominara a arte de dar uma dentada num Cadbury's Flake sem deixar cair migalhas no colo.

— Vão acontecer coisas excitantes — disse Orla de forma tranquilizadora. — E se não acontecerem, nós vamos certamente *fazer* com que aconteçam.

— Caramba.

— Só tem de entrar em contacto comigo uma vez por semana.

Não havia como negar; tratava-se de dinheiro fácil. Era canja.

— E contar-lhe tudo? — perguntou Millie.

— Tudinho.
— Tenho de me chamar Gertrude?
Orla deu-lhe umas palmaditas no braço.
— Querida, podemos chamar-lhe o que quiser.
— Bem, nesse caso, — Millie alegrou-se, — pode também fazer-me
parecida com a Lily Munster?

Capítulo 12

Era estranho aprontar-se para um encontro que não era definitivamente um encontro. Millie sentia que era educado tomar um banho antes de se encontrar com Hugh Emerson. Mas não se atreveu a aperaltar-se muito para ele não pensar que estava a tentar impressioná-lo. Ele era viúvo, um viúvo recente, e a última coisa em que estava interessado era apanhar com uma mulher ansiosa e desesperada por um namorado.

Não que ela fosse uma Doris ansiosa ou desesperada, mas como nunca se tinham encontrado, Hugh não sabia disso.

Raios, pensou Millie, fazendo uma careta à sua imagem no espelho do guarda-roupa, isto ia ser muito mais fácil se eu não tivesse visto aquela fotografia na carteira dele.

Ou se eu tivesse visto a fotografia e ele fosse feio.

Só que, como é óbvio, ela podia não ter tido aquela vontade vergonhosa de ligar para voltar a falar com ele.

A mulher dele acabou de morrer, a mulher dele acabou de morrer. Millie obrigava-se a pensar neste mantra animador enquanto vestia um par de calças de ganga brancas, calçava umas alpercatas beges e uma camisola caqui. *Ah, estão a ver? Isto é o quanto não estou ralada em causar uma boa impressão.* Enquanto passava uma escova pelo cabelo louro-claro, Millie pensou que só esperava que ele não assumisse que era pintado. Ups, e, independentemente do que acontecesse, ela não podia mencionar aquela palavra, a temível palavra começada por *e*.

Nada de muita maquilhagem. Apenas um pouco de rímel.

Ok, e uma rápida passagem com o pó translúcido.

Hum, e um pouco de batom, é claro. Não podia ir sem batom. Mas apenas um rosa-clarinho, nada espampanante.

Droga! Já agora bem podia pôr também um pouco de sombra nos olhos.

Bem, pensou Millie, era muito bom não querer parecer-se com uma Doris desesperada, mas também não queria que ele pensasse que ela era uma autêntica desmazelada.

...

Ela viu-o assim que chegou ao Morton's, um dos bares populares junto à beira-mar. Fingindo que não tinha visto, Millie olhou em volta com uma expressão distraída de alguém-pode-ajudar-me e esperou que Hugh Emerson se aproximasse dela.

Ele fê-lo em menos de trinta segundos. O que impressionou muito Millie.

Como o próprio Hugh. Céus, ele era ainda mais bonito do que na foto.

— És tu? — Quando ele falou, os cantos da boca tremeram com diversão.

— Oh, bem, talvez seja, talvez não — respondeu Millie com um sorriso brincalhão. — Mas se é um copo que queres oferecer-me, eu adoraria uma caneca de papas de aveia. Batidas, não misturadas.

— Vejo que andaste a treinar o sotaque. — Hugh acenou a cabeça com uma expressão solene. — Excelente. Qualquer dia vão contratar-te como o novo James Bond.

Millie sorriu para ele.

— Fantástico, eu sempre quis uma licença para matar, especialmente aqueles adolescentes que nos atropelam na rua com os skates, ou as velhotas pequeninas que nos batem por trás com os carrinhos de compras, ooh, e as pessoas que colam as pastilhas elásticas debaixo das mesas, essas merecem *realmente* morrer... hum, olá, sou a Millie, desculpa, estou um pouquinho nervosa, não faço ideia porquê, quer dizer, é que isto nem é um encontro.

Como posso? Como posso ter dito a palavra começada por e, aquela que tinha jurado não dizer? Mortificada pelo seu lapso, Millie esperava sinceramente que ele não tivesse notado. Céus, e se a mulher falecida tivesse sido uma dessas pessoas que colavam a pastilha elástica debaixo das mesas? Ou que andavam a bater nos tornozelos dos outros com o carrinho de compras?

Atrapalhada, Millie disse: — Olha, não quero que penses que sou uma alcoólatra completa ou coisa do estilo, mas porque não pedimos o tal copo? — O que, como é óbvio, significava que ele iria imediatamente pensar que ela era uma alcoólatra completa. Para não dizer uma idiota. Ah, sim, maravilha, aquilo estava a começar lindamente!

Merda!, porque é que ele não podia ser feio? Alguns homens eram simplesmente inconsiderados.

— Aqui não servem papas de aveia — disse Hugh.

— Não? Bem, — disse Millie, — nesse caso prefiro um gin tónico.

Millie sentou-se e viu Hugh Emerson a pedir as bebidas no bar. Ele era bastante alto, entre um metro e oitenta e cinco e um metro e noventa. Também praticava exercício, a avaliar pelo aspeto atlético do corpo... a não ser, é claro, que ele já tivesse sido um barril de banha e que o sofrimento lhe tivesse tirado a vontade de comer...

Oh, para com isso! Para de pensar assim, por amor de Deus! Ela tinha visto a fotografia dele com a mulher, não tinha? Claro que ele não tinha sido gordo.

Mas não valia a pena, Millie não conseguia conter-se. Nunca tinha conhecido um viúvo jovem, não calculava o horror que ele devia ter passado.

Caramba, ele tinha um nariz tão bonito, praticamente o nariz mais direito que ela já vira. E um maxilar excelente. E olhos cor de caramelo com umas fabulosas pestanas longas, e cabelo louro-escuro que encaracolava sobre a gola da camisola de rãguebi azul e branca. . .

— Aqui tens, gin tónico, montanhas de gelo, fatia de limão.

Millie agarrou-o satisfeita e deu um golinho. Ugh! Era essa a vantagem de se pedir uma bebida de que não se gostava particularmente; assim demorava-se a bebê-la e não se ficava de pernas bambas ao fim de vinte minutos. Além disso, naqueles tempos de cocktails alcoólicos com gasosa e cidra de fazer perder a cabeça, era agradável ser-se diferente. Gin tónico fazia-a sempre sentir-se tão Lauren Bacall.

— Aqui estamos nós, e tu cumpriste o teu dever — disse Millie alegremente. — Pagaste-me um copo como forma de agradecimento por te ter devolvido a carteira. Agora, se quiseres, podes ir.

Hugh sorriu e inclinou-se para a frente, pousando os cotovelos nos joelhos. Uns joelhos muito bonitos, Millie não pôde deixar de reparar. E, já agora, uns cotovelos muito bonitos também.

— Fiquei intrigado, admito. — O tom dele era bem-disposto. — Dois telefonemas doidos. Como podia eu não me encontrar contigo, fazer corresponder um rosto à voz?

— E? — Millie lançou-lhe um olhar solidário. — Estás chocado? Alguma vez te passou pela cabeça que eu podia ser assim tão feia?

— Não te preocupes, eu preparei-me — disse Hugh. — Estava preparado para o pior.

— Isso é muito amável. Se tivesses olhado para mim, ficado verde e corrido para a porta. . . bem, eu teria *morrido*. . .

Oh Deus, oh Deus, não posso acreditar que voltei a fazer o mesmo! Millie enterrou a cara nas mãos, inspirou profundamente e depois obrigou-se a olhar de novo para Hugh Emerson.

— Desculpa. Ok? Lamento imenso tudo isto. Sabes quando tentamos desesperadamente não mencionar uma coisa? E essa coisa não para de sair precisamente porque estamos a esforçar-nos tanto para não a dizer? Bem, é isso que está a acontecer comigo esta noite e eu peço imensas desculpas, mas não consigo evitar.

Ela sabia que estava encarnada como um tomate; o seu rosto estava, de facto, a pulsar de vergonha.

— Pois. — Hugh encolheu os ombros. — Tudo bem. Não tem qualquer problema. — Fez uma pausa e depois disse: — Mas não faço a mínima ideia do que estás a falar.

Millie olhou-o fixamente. Ele tinha de saber. Seria uma piada? Seria ele simplesmente ultraeducado?

A não ser... oh, Deus... ele andava a manipulá-la aquele tempo todo, a fingir que a mulher estava morta quando nem nunca sequer tinha sido casado!

— Morta. Morrer. Morte. Mortífero — enumerou Millie. — É este tipo de palavras que tenho estado a tentar evitar. Por causa da tua mulher. — *Pelo menos, da tua suposta mulher.*

— Ah, compreendo. Não tinha percebido. Olha, — disse Hugh, — não faz mal, não te preocupes com isso.

Ou, pensou Millie, tens realmente mulher e ela está viva e de boa saúde, e nesse caso és pura e simplesmente um sacana.

— Como morreu ela? — Quanto mais Millie pensava no assunto, mais provável parecia que as suas suspeitas estavam corretas. O que, subitamente, tornava incrivelmente fácil fazer perguntas que ela nunca pensara ser capaz de fazer.

— Um acidente quando montava a cavalo.

— Como se chamava ela?

— Louisa. — Hugh fez uma pausa. — Já te tinha dito isso.

Eu sei, pensou Millie. *Estava só a verificar.* Em voz alta, disse: — Quando foi?

— Outubro passado.

— Em que dia?

Hugh fitou-a com ar incrédulo por alguns instantes. Depois, lentamente, abanou a cabeça.

— Vais verificar isto, não vais?

Constrangida, Millie fingiu inocência.

— Não sei o que queres dizer. Estava apenas interessada...

— Achas que eu estou a inventar isto, a lançar-te o isco.

Não valia a pena. Ele sabia. E não parecia minimamente satisfeito.

Millie mexeu nervosamente no copo e disse embaraçada: — Bem, era uma hipótese. Estas coisas acontecem. E, — acrescentou com um certo humor, — não tens ar de viúvo.

— Talvez não. Mas também, modéstia à parte, não preciso que tenham pena de mim. Além do mais, — continuou ele friamente, — isto não é realmente um encontro, pois não? Não estou interessado em persuadir-te a ires comigo para a cama. Garanto-te que sexo é a última coisa que me passa pela cabeça.

Quão completamente enfurecedor. E que desafio estupendo! Durante um momento, Millie sentiu uma ânsia louca — e felizmente passageira — de se lançar para o colo de Hugh Emerson, enfiar a mão nas calças dele e descobrir por si se ele estava a dizer a verdade.

Em vez disso, colando-se mentalmente à cadeira, mudou de assunto.

— Então o que te fez mudar de Londres para a Cornualha?

— Já não precisava de lá estar. Sempre adorámos isto aqui em baixo. E eu trabalho em casa, — Hugh encolheu os ombros, — por isso não havia nada que me impedisse. Seja como for, estava farto da cidade. Viver ao pé do mar é muito melhor do que viver em Londres.

— Em que ramo de negócio estás?

— Desenvolvimento de software. Construção de *sites* na Internet, aconselhamento de outras companhias, mostrar-lhes como podem maximizar o seu potencial... Na verdade, sou apenas um consultor, um perito que resolve problemas. Ou um totó da informática. — Sorriu, nitidamente capaz de dizer tal coisa porque sabia que não era minimamente totó. — Mas sou bastante bom naquilo que faço. E ganho bem. Além disso, posso surfar nos tempos livres.

Millie imaginou-o imediatamente num fato de borracha preto, o cabelo louro molhado caído para a frente da testa bronzeada enquanto ele corria ao longo de Fistril Beach e se lançava no mar...

— E tu?

A voz de Hugh puxou-a de volta à realidade.

— Hum? Eu?

Por alguns instantes, ela tinha perdido o rumo à conversa.

— Carreira? Emprego? Tens algum dos dois?

Esperem, ele estava a falar extralentamente? A ser um bocadinho condescendente... outra vez? Os cabelinhos da nuca de Millie eriçaram-se e ela disse, empertigada: — Claro. Sou agente de viagens.

— A sério? Maravilha. Que agência?

— Hum. Fleetwood, na Baron Street.

— Conheço. — Hugh parecia encantado. — Estive lá ontem; devias estar na tua hora de almoço.

Merda.

Porque é que tenho sempre de ser apanhada? Pensou Millie.

— Na verdade, já não trabalho lá. — Fez um ar de assunto delicado. — Desentendimento com os Fleetwood... não foi culpa minha, é claro, mas decidi sair. Pareceu-me melhor.

Ela só tinha estado a tentar impressionar Hugh, a tentar convencê-lo de que, na realidade, não era tão doída e desesperada como ele claramente pensava que ela era.

Por um segundo passou pela cabeça de Millie que *podia* dizer-lhe que era a heroína do próximo romance de Orla Hart. Parecia algo impressionante, não parecia? Um pouco mais glamoroso e intrigante?

Mas, pensando melhor, podia causar problemas. Millie sentia que Hugh Emerson provavelmente não se deixava impressionar. De facto, o mais provável era ele considerar a ideia de aquele encontro poder acabar no próximo sucesso de Orla profundamente desmotivadora. Se não completamente insultuosa, tanto para ele como para a memória da mulher.

É melhor não mencionar o assunto, decidiu Millie com alívio. Ela não queria assustá-lo.

Nem ser processada.

— Então o que fazes agora? — perguntou Hugh.

Oh. Oh, céus, tempo de pigarrear. Ele não ia definitivamente ficar impressionado quando soubesse qual era o novo emprego dela.

Não que isso devesse importar, lembrou Millie a si própria, mas o facto é que importava, importava mesmo.

Millie ajeitou-se desconfortavelmente na cadeira, como uma miss a quem se pede que recite a tabela periódica.

— Eu... bem, é apenas temporário, só até aparecer outra coisa no ramo das agências de viagens, porque é claro que é disso que eu gosto realmente...

— Então, entretanto, — incitou Hugh, — do que não gostas realmente é...?

— Hum... Ahhh! — Millie deu um salto quando uma mão quente lhe acariciou a nuca e deslizou da cadeira como um relâmpago. Virando-se praticamente no ar, viu Lucas Kemp rindo-se dela.

— Lucas!

— Olá, Millie. Estamos um bocadinho assustadiças esta noite, não?

— Apanhaste-me de surpresa! Deste-me o maior susto da minha vida! — Não tinha sido só isso que ele lhe tinha dado, constatou Millie momentos depois. Ela estava a viver uma sensação de liberdade completamente nova... oh, por amor de Deus, ele só lhe tinha desapertado o sutiã! — Lucas. — Olhou para ele, furiosa. — Isso é o que fazem os miúdos de catorze anos.

O sorriso dele aumentou. — Ah, mas tens de admitir que sou bom nisso.

Com um peso no coração, Millie apercebeu-se que estava na hora das apresentações. Ia ter de explicar a Hugh Emerson que aquele sorridente exemplar masculino de calças de cabedal com talento para desapertar sutiãs era, na verdade, o seu patrão.

Contudo, não era completamente típico que, enquanto Hester estava a

embonecar-se e a correr pela cidade a tentar por tudo dar de caras com ele, ela estivesse a consegui-lo mesmo quando não queria?

Quando abriu a boca para fazer a embaraçosa apresentação — oh, Hugh ia ficar *tão* impressionado —, Millie foi de novo batida por Lucas.

— A propósito, preciso de ti no escritório amanhã às dez horas para experimentares o fato de macaco. Mandámos limpar a cabeça a seco, mas o fecho precisa de ser arranjado, e se quiseres que se mande para alguma costureira, precisamos que fique pronto antes de sexta-feira.

— Sexta-feira?

— A tua primeira marcação — anunciou Lucas. — Um dos cirurgiões do Newquay General. A equipa da sala de operações marcou-a para o quadragésimo aniversário dele. Eles adoraram a ideia do gorila porque, aparentemente, este tipo costumava trabalhar com o voluntariado no Uganda. Pensando nisso, estes cirurgiões são bastante hábeis com uma agulha. Talvez conseguisses convencê-lo a alterar o teu fato.

Obrigada, Lucas.

Muito obrigada.

Capítulo 13

— Hugh, este é Lucas, o meu novo patrão — disse Millie inexpressivamente. — É dono da Kemp's, a agência de beijogramas. Na sexta-feira vou ser um gorila...

— Um gorila de patins — interrompeu Lucas. — Ficaram histéricos com a ideia dos patins.

— Querem que eu entre de patins na *sala de operações*? O paciente não se importará que a operação seja interrompida? — Millie começou a parecer alarmada. — E também querem que eu use uma máscara e faça malabarismo com instrumentos cirúrgicos?

— Precisas de treinar um bocado mais o malabarismo — disse Lucas, amavelmente. — E não vais poder entrar na sala de operações. Querem que vás para a sala de café do pessoal.

— Certo. E este é o Hugh — concluiu Millie. — Um amigo meu. — Ah, bastante improvável, depois daquele pequeno episódio. — Bem, uma espécie de amigo.

Ela tinha feito o melhor para fingir que o sutiã não estava desapertado, mas agora as alças estavam a deslizar-lhe pelos braços. Soltando um suspiro — sinceramente, que partida mais juvenil —, Millie baixou a alça de cada ombro, puxou o sutiã escarlate pela abertura da manga esquerda como um ilusionista e largou-o para dentro da mala que estava aberta no chão.

Lucas e Hugh Emerson, que tinham acabado de apertar as mãos, aplaudiram-na por alguns instantes.

Céus, pensou Millie, vão tornar-se amigos, tenho a certeza.

— Deixem-me pagar-vos uma bebida — ofereceu Lucas, olhando para os copos vazios. — Que estão a tomar?

Millie hesitou. Hugh também. Para seu horror, ela apercebeu-se que ele queria ir-se embora; tinha-lhe comprado um gin tónico, cumprido o seu dever e agora estava farto. A perspectiva de passar mais trinta minutos na companhia de uma gorilograma patinadora era mais do que ele podia suportar.

— Obrigada, mas não podemos. — Millie levantou-se de um salto,

projetando bases de copos em todas as direções. — Temos de ir a um sítio. Caramba, na verdade já estamos atrasados! Ok? — Mostrando o relógio a Hugh, esticou a cabeça na direção da porta. — Anda, temos de nos pôr a andar, os outros vão estranhar a demora.

Assim que chegaram ao passeio, Millie estendeu a mão e apertou a surpreendida de Hugh.

— Obrigada pela bebida. Foi um prazer conhecer-te. Bom, vou andando.

— Espera. — Hugh parecia confuso. — E os outros? Não vão estranhar a nossa demora? — Millie sentiu uma pontada de decepção; de alguma forma, esperara melhor da parte dele.

— Foi apenas uma desculpa. Para nos tirar dali. — Enquanto falava, Millie deu-se conta de que a piada era para ela. Hugh Emerson tinha percebido desde o início.

— Queres dizer que os outros não estão à nossa espera? — Os olhos escuros brilhavam de triunfo por tê-la apanhado. — Droga, é mesmo uma pena. E eu que estava tão desejoso de os conhecer.

— Ah, ah. — Como era esperado, Millie sorriu. — Bem, começo cedo amanhã, é mesmo melhor ir-me embora. Adeus. — Ela estava já a afastar-se dele, recuando colina acima...

— Millie, para...

— Ah! — Ignorando o pedido dele, Millie bateu contra o poste de iluminação atrás dela. Agarrada ao ombro esquerdo e tentando fingir que mal lhe doía — ai, ui! —, Millie indagou-se porque é que a sua vida tinha de se assemelhar tanto à do Mr. Bean. O que ela não daria para ser elegante e fina e estar sempre no controlo das situações.

— Estás bem? — Hugh chegou ao pé dela com uma expressão de preocupação.

— Oh, maravilha. O osso está partido, é claro, mas fora isso está tudo bem. — As palavras saíram por entre dentes cerrados enquanto ondas de dor subiam e desciam pelo braço.

— Olha, — disse Hugh, — disse alguma coisa que te chateou?

— Não.

— Então porquê a pressa súbita para chegar a casa? Não podíamos ir comer qualquer coisa?

Millie olhou para ele, tão surpreendida que quase se esqueceu do ombro.

— Pensei que querias ir-te embora. Parecia que estavas desesperado para fugir. A forma como hesitaste quando o Lucas nos ofereceu uma bebida...

— Tu também hesitaste. Eu estava à espera que dissesse alguma coisa — disse Hugh. — Pensei, já que ele é teu patrão, que devias ser tu a decidir.

Olharam um para o outro. Millie sorriu primeiro.

— Quão estúpido é isto? Vá lá, então, eu dou o braço a torcer.

— O teu braço? Queres dizer este aqui com as múltiplas fraturas e pedaços de osso expostos? Não me passaria pela cabeça torcê-lo. — Ergueu uma sobrançelha em jeito de brincadeira e depois apontou para o restaurante atrás dela, com o toldo encarnado, verde e branco oscilando preguiçosamente ao sabor da brisa.

— Ok, comida. Este sítio é supostamente muito bom, não é? Gostas de comida italiana?

Millie sentiu uma ânsia súbita de ar fresco. A última vez que comera no Bela Spaghetti tinha sido na companhia de Neil e meia dúzia dos seus barulhentos amigos bêbedos.

— Na verdade, o que eu adorava realmente — disse a Hugh, — era um pacote de batatas fritas.

Apanharam o caminho costeiro para fora de Newquay, em direção a leste, e compraram frango e batatas fritas para levar antes de seguirem para Fistral Beach. Estava um fim de tarde agradável, a maré estava baixa e um Sol cor de pêssego pendia já no horizonte sobre um céu violeta. Os surfistas tinham dado por encerrado o dia e a praia estava quase deserta. Millie e Hugh comeram o frango e as batatas fritas, caminharam o que lhes pareceu quilómetros sobre a areia molhada e falaram sem parar.

Noutras quaisquer circunstâncias, teria sido romântico.

— Então o que foi que te aconteceu? — Hugh apanhou um seixo liso e lançou-o sobre a superfície da água. — Ao telefone, quando eu te disse que não marcava encontros, disseste que não tinha problema, que também não os tinhas.

— Oh, nada de especial. — Millie sentia-se constrangida; era como partir uma unha e ser-se consolada por alguém com um braço e sem pernas. — Separei-me há algumas semanas e decidi que podia muito bem viver sem as confusões dos homens. — Uma gaivota, que grasnava enquanto voava em círculos acima deles, parecia que fazia troça dela. — Fiz um voto de celibato — explicou Millie, pegando num pau e atirando-o à gaivota, que se desviou com facilidade. — Nada de sexo até ao fim do verão. Na verdade, é até bastante libertador.

— Tenho a certeza que sim, quando se tem escolha — disse Hugh secamente.

— Mas todos têm essa escolha.

Ele olhou para Millie.

— Pode-se conhecer alguém amanhã e gostar muito dessa pessoa, mas é nossa decisão se dormimos ou não com ela.

Millie, que estava confusa, disse cuidadosamente: — S-sim.

Oh, Deus, teria ele *percebido*? Saberá que ela gostava muito dele?

— Estou apenas a dizer que tens sorte, só isso. — Hugh encolheu os ombros e desviou com um pontapé um emaranhado de algas do caminho. — Por poderes sentir esse tipo de atração. E apaixonares-te, se for isso que queres. Porque eu não imagino isso a acontecer-me de novo. — Fez uma pausa, os olhos escuros desolados. — E nem sequer quereria tal coisa.

Millie não sabia como reagir a tais palavras. Ficar sem palavras não era típico dela, mas estava com pavor de se sair com algo irremediavelmente frívolo, ofensivo ou completamente estúpido.

Finalmente, disse: — Não vai ser sempre assim. Só passaram oito meses. Um dia vais encontrar outra pessoa.

Cliché, cliché, cliché.

— Só que eu preferia não encontrar outra pessoa. — Um pequeno caranguejo saiu disparado de lado de debaixo de uma rocha quando Hugh se baixou para apanhar mais uns seixos lisos. Rapidamente, um a um, lançou-os para as ondas em rebentação.

— Sim, mas...

— Nada de mas. Já decidi. Porque sei, sei *realmente*, que nunca mais quero passar por aquele horror. Eu amava a minha mulher — disse ele simplesmente, — e ela morreu. E se eu conheço alguém daqui a alguns anos? Quem pode garantir-me que ela não morrerá também? Podia acontecer. A qualquer altura do dia, sem qualquer aviso, podia acontecer novamente. — Abanou a cabeça. — E não estou simplesmente interessado. Não vale a pena o risco. Prefiro ficar solteiro e livre.

Millie estava a ter dificuldade em aceitar tal facto.

— Mas as pessoas enviúvam e casam outra vez! Às vezes enviúvam duas ou três vezes mas *ainda assim* não desistem.

— Ótimo, se é isso que querem fazer — disse Hugh sem qualquer emoção na voz. — Mas eu não quero.

Um casal caminhava ao longo da praia direito a eles. Desviando o cabelo dos olhos, Millie observou-os. O braço do homem estava pousado de forma protetora nos ombros da rapariga, enquanto o braço dela abraçava a cintura dele. Caminhavam até no mesmo compasso, com passadas iguais. Rindo de algo que a namorada dissera, o homem deu-lhe um beijo carinhoso na testa.

— Como é que aquilo te faz sentir? — perguntou Millie. — Ver aqueles dois assim juntos. Não os invejas?

Hugh enfiou as mãos nos bolsos das calças de ganga.

— Não. Sinto pena deles. Porque amanhã um deles pode estar morto.

— Não podes viver a pensar dessa maneira!

— Ai não? Mas tu não passaste por isto. Não fazes ideia de como se sente. — Parando e semicerrando os olhos na direção do mar, Hugh disse: — Deixa-me falar-te de uma coisa que sucede três ou quatro vezes por semana. Estou deitado na cama quando o telefone toca e me acorda. Estico o braço, pego no telefone e digo «está». E depois oiço a voz da Louisa, e ela está a gritar o meu nome e eu não consigo crer porque isso significa que tudo não passou de um terrível engano... afinal a Louisa não morreu, está viva, e eu fico tão feliz...

De repente, Hugh parou. Após um momento, disse: — E depois acor-do mesmo de verdade.

Millie pestanejou e passou as costas da mão pelos olhos; quão con-strangedor, era ela quem chorava quando fora Hugh a perder a mulher.

Millie abanou a cabeça.

— Céus, desculpa.

— Não há nada que eu possa fazer para impedir que isso aconteça — disse Hugh. — Estar tão feliz e depois acordar e despenhar-me de novo de volta à Terra... não consigo descrever a sensação.

— Horrível — sussurrou Millie, sentindo-se irremediavelmente impo-tente. — Não é pera doce, não.

Sentindo pena dela, Hugh anuiu em concordância. O seu sorriso, fu-gaz e automático, não chegou aos olhos. — E o problema com sonhos re-correntes é não sermos capazes de os controlar. Só queria que parassem. — Fez uma pausa e depois lançou outro seixo a roçar as ondas. — E acho que nunca irão parar.

— Uau! Definitivamente apetecível — babou-se Hester, que tinha estado à espreita atrás do cortinado do quarto a ver Millie ser deixada em casa por Hugh. — E também um carro muito bom. Mas não o beijaste! Que se passa contigo, miúda?

Como estavam no século vinte e um, custava a Millie crer que Hester ainda usasse palavras como «apetecível». Francamente, a seguir só faltava dizer «interessante», «todo giro» e «tipo fixe».

— Não foi um encontro romântico — lembrou-lhe Millie com abor-recimento. — E eu não ia definitivamente beijá-lo. — Estremeceu só com a ideia; Hugh Emerson tinha de ser o mais interdito possível. — Lembras-te? A mulher dele acabou de morrer.

Hester revirou os olhos.

— Não estava a falar de um beijo obsceno, não precisas de te atirar para cima dele e de lhe enfiar a língua pela garganta! Um beijinho rápido na face, é disso que estou a falar. Algo tranquilo. Decerto é educado.

— Nem sequer apertámos as mãos. Dissemos adeus e nada mais.

— Millie fez uma careta; para ser sincera, ela não tinha tido a certeza de *como* se despedir de Hugh Emerson. Depois de se terem dado tão maravilhosamente bem, a parte final da noite tinha sido um pouco estranha. Ela tinha-se indagado se ele estaria já arrependido de lhe ter falado tanto de si.

— Então quando é que voltas a vê-lo?

— Não era um encontro, imbecil! Nós não combinámos encontrar-nos de novo. Ele foi-se simplesmente embora.

Hester, que estava estendida no sofá com a sua T-shirt do Ricky Martin que usava para dormir, pôs-se de barriga para baixo e começou a fazer zapping em busca de homens atraentes.

Ou até... ugh... *apetecíveis*.

Acabou por ter de se conformar com Gary Rhodes.

— Parece que tiveste uma noite divertida. Deves ter morrido de tédio.

— Não foi entediante. — Instintivamente, Millie saltou em defesa de Hugh Emerson.

— Corta o cabelo — gritou Hester a Gary Rhodes na TV, — e para de te saracotear todo a armares-te em bom. — Por cima do ombro, acrescentou a Millie: — Na verdade, é uma ideia.

Millie estava ocupada a abrir a lata dos biscoitos.

— O quê?

— Como é que sabemos que a mulher dele está mesmo morta?

— Está, eu sei que ela está — Millie suspirou.

— Sim, mas tu és ultracrédula. Dás sempre a toda a gente o benefício da dúvida. *Tu* — salientou Hester, — achas que o Gary Rhodes não consegue evitar ter o aspeto de um quintal coberto de vegetação porque o cabelo dele cresce naturalmente assim.

— Ela morreu num acidente a cavalo — disse Millie, na defensiva.

Hester oscilou as sobrancelhas de forma significativa.

— A sério? Ou foi ele que a assassinou?

— Ok, talvez ele a tenha assassinado. E isto é uma conversa de doidos, — ressaltou Millie, — porque não me parece que vá sequer voltar a vê-lo.

— Se ele é um vigarista frio que assassinou a mulher, vai manter-se em contacto. — Hester anuiu com a cabeça, com um ar sábio. — Vai inventar uma desculpa esfarrapada para voltar a ver-te. Provavelmente estás já marcada como alvo número dois.

— Se ele é um vigarista frio *inteligente*, — disse Millie, — vai escolher um alvo que valha realmente a pena assassinar. Alguém com muito mais dinheiro que eu.

Capítulo 14

Um pouco grande, — disse Millie na manhã seguinte, — mas bastante confortável.

Tendo-se preparado para o pior, estava satisfeita por não fazer comichão.

Lucas estava ocupado ao telefone. Sasha, que tinha seios de tamanho olímpico e cabelo louro-platinado, estava a medir o que tinha de ser apertado no fato de gorila. Para além de striptograma de Lucas, Millie supunha que ela fosse também uma espécie de namorada. Era evidente que dava uma ótima Marilyn Monroe.

— Antes tu que eu — disse Sasha alegremente quando colocou o último alfinete. — Presa dentro dessa coisa peluda enorme... ficava claustrofóbica em menos de nada!

Não digas.

— Na verdade, não é assim tão mau. — Millie executou uma pequena dança para demonstrar. — Pelo menos tenho espaço para me mexer cá dentro. — Fazendo uma careta, disse: — Sentir-me-ia muito mais claustrofóbica presa dentro das calças de cabedal do Lucas.

— Que conversa é essa de ficares presa dentro das minhas calças? — Lucas tinha terminado o telefonema. O piscar de olho abarcou Sasha e Millie. — Eu sei como me sentiria e não estamos a falar de claustrofobia. Então, como está o fato?

— Ótimo. Nunca me senti tão glamorosa.

Havia quatro tipos de beijograma e Millie desconfiava que ia ser a que mais daria uso ao fato de gorila. Sasha era a bomba sexual que estava feliz por tirar a roupa até ficar apenas com duas borlas e um fio dental de lan-tejoulas. Eric, um pacato professor de História durante o dia, transformava-se, num abrir e fechar de olhos, num adorável e redondinho humorista estilo Full Monty de noite.

O quarto tipo era especial para as despedidas de solteira, quando o atraente estranho negro arrebatava a participante sortuda, fletia os músculos, elogiava-a escandalosamente e rezava para que o esforço de ter de le-

vantar noventa e cinco quilos de mulher histérica não lhe rasgasse as calças de cabedal.

— Como é que te surgiu a ideia de abrires uma agência de beijogramas? — perguntou Millie quando Sasha começou a despir-lhe o fato de gorila.

— Problemas com namoradas. — Lucas sorriu e abriu a lata de Coca-Cola. — Uma delas estava a recusar-se a deixar o meu apartamento, outra estava a transformar-se numa perseguidora a tempo inteiro. Eu já não estava a aguentar. E já estava farto da estação de rádio, ter de me levantar todos os dias às quatro e meia para fazer o programa da manhã. — Generosamente, ofereceu a Millie um gole de Coca. — Seja como for, um amigo meu tinha uma montanha de trajes de fantasia que queria vender. Comprei-lhos e decidi voltar aqui para a Cornualha. Pelo menos durante o verão. Veremos como as coisas correm.

Os diversos trajes estavam pendurados num cabide atrás dele. Tudo, desde o traje de *Oficial e Cavalheiro* e uniforme de polícia até ao fabulosamente exagerado fato de Cleópatra. Amontoado no chão ao lado deles estava uma pilha de T-shirts envoltas em celofane, com a frase «Surpreendido por um Beijograma Kemp» estampada, e uma grade de espumante barato.

E amanhã tenho de fazer o meu papel, pensou Millie, sentindo um súbito ataque de medo da plateia. *Cantar, dançar, fazer as pessoas rir e não cair dos patins.*

— Não te preocupes, — disse Lucas alegremente, — vai correr tudo bem. A primeira vez é sempre a pior. Fecha apenas os olhos e pensa no dinheiro.

— Se fechar os olhos, — disse Millie, — vou de certeza cair dos patins.

Quando ela chegou a casa, o telefone estava a tocar. Pegando no auscultador, Millie disse: — Sim?

— Seis letras. Simplesmente alguma coisa.

O coração dela disparou; Millie não conseguiu evitar. Ela nem sequer queria que disparasse, mas quando aquelas coisas aconteciam, aconteciam. Não era algo que se pudesse controlar fisicamente.

— Tomate — disse Millie. Caramba, ali estava uma coincidência! Aquela era exatamente a cor da sua cara naquele momento. Há tanto tempo que não gostava de ninguém que esquecera por completo o raio da ruborização; na verdade, ela nem sequer se tinha dado conta de que alguém podia ruborizar sozinho.

— Excelente. E agora esta: artigo de vestuário feminino de natureza cónica?

— Hum... ah, chapéu de bruxa!
— Não é bem, tenta de novo. Roupa interior, cinco letras.
— Sutiã! Oh, meu herói, encontraste o meu sutiã encarnado! — Millie emitiu um guincho de prazer.

— No meu carro.
— Isso é fantástico! É o meu sutiã preferido! Quando cheguei a casa, apercebi-me de que não o tinha e pensei que tivesse caído da minha mala na praia. Imaginei-o a ser levado pelo mar, ondulando alegremente ao sabor das ondas durante semanas a fio antes de chegar à América. — Millie estava a tagarelar. Ok, para.

— Encontrei-o hoje de manhã. — Hugh fez uma pausa. — Debaixo do banco do pendura.

Foi a pausa a culpada. Até àquele momento, Millie sentira-se simplesmente encantada por falar de novo com ele passado tão pouco tempo e entusiasmada por descobrir que não tinha perdido o seu melhor sutiã.

Mas naquela breve, e demasiado significativa, fração de segundo entre frases, a horrível verdade caiu com um estrondo como se fosse uma placa de betão. Millie ficou gelada.

Ele acha que eu fiz de propósito. Acha que eu escondi deliberadamente o sutiã no carro dele para ter uma desculpa para voltar a vê-lo!

Céus, era exatamente o tipo de coisa que Hester faria. Millie interrogou-se como diabos iria conseguir convencê-lo de que não fazia a mais pequena ideia de que tinha deixado o sutiã no carro dele e, mais, que nunca sonharia em recorrer a um truque baixo desses, *nunca*. Mas era claro que Hugh não sabia que ela não era esse tipo de rapariga. Do tipo Hester dissimulada. Ele achava que ela tinha feito de propósito. E se ela tentasse dizer-lhe que não era como Hester e que tinha sido um acidente, sinceramente, Millie constatou que só iria piorar as coisas.

Porque, convenhamos, o seu coração tinha definitivamente disparado pouco antes. Ela tinha ficado extasiada quando ouvira a voz dele ao telefone.

Oh, céus, era um pensamento horrível, mas e se, subconscientemente, ela tivesse realmente deixado de propósito o sutiã debaixo do banco do passageiro?

— Olha, tenho uma reunião em Newquay amanhã à tarde. — A voz de Hugh interrompeu o turbilhão interior de Millie. — Se estiveres em casa por volta das cinco, passo por aí para to deixar. — Millie fechou os olhos com força e depois tornou a abri-los.

— Isso seria ótimo. — Millie esforçou-se por soar alegre e entusiástica, e como se não tivesse reparado em nada. — O meu querido sutiã, de re-

gresso a casa! Talvez a Hester e eu lhe façamos até uma festa de boas-vindas. Oh, — acrescentou ela, como se se tivesse acabado de lembrar, — amanhã à tarde vamos estar as duas fora, por isso não te incomodes a tocar à campainha. Enfia-o simplesmente na caixa do correio, ok?

*Amamos-te James, é verdade,
Amamos a tua habilidade
Para executar tudo desde uma plastia
A uma apendicectomia.*

*Entre os cirurgiões tu és o número um,
Gostamos especialmente do teu maravilhoso bumbum,
Muito melhor que o do Alan, da Sunil ou da Maria
E tão tentador de tocar no teu terreno da cirurgia.*

*Fazes hoje quarenta e todos achamos
Que melhoraste com os anos
Junta-te a nós esta noite no Crown para um copo
E vamos embebedar-nos como... papagaios.*

Millie releu o poema mais uma vez. Sinceramente, que chorrilho de baboseiras.

Contudo, pelo menos o chorrilho de baboseiras não era dela. O pessoal da sala de operações, que tinha contratado o gorilograma, tinha-o enviado no dia anterior por fax para o escritório de Lucas e estava, sem dúvida, deliciado com a sua presença de espírito. Ela só tinha de o recitar.

— Ok, ele saiu da sala de operações — ciciou uma das enfermeiras. Agarrando Millie pelo braço, empurrou-a pelo corredor e virou-a para a direita. — Lembra-te, ele é o louro de bigode comprido.

— Está bem. — Millie colocou a cabeça de gorila no sítio.

— Preparada?

— Preparada.

— Consegues respirar aí dentro?

— Não propriamente.

— Bem, não importa — disse a enfermeira, dando risadinhas. — Anda, vamos embora!

A tarefa correu lindamente. James, o cirurgião aniversariante, era um tipo bem-disposto. Os quarenta e poucos colegas do hospital, que tinham conseguido enfiar-se na salinha de café, apupavam, assobiavam e aplaudiam na hora certa. Sentindo-se como se estivesse em cima de um palco, Millie patinava em redor de James enquanto recitava o poema

histericamente engraçado. Felizmente, as piadas privadas significavam muito mais para os seus colegas de trabalho do que para Millie e riam todos a bandeiras despregadas. Depois surgiram cerca de uma dúzia de máquinas fotográficas disparando flashes como fogo de artifício quando Millie presenteou James com a T-shirt «Surpreendido por um Beijograma Kemp» e uma garrafa de espumante barato. Millie tirou a cabeça de gorila e deu um beijo na bochecha de James. Ele pegou-a ao colo e rodopiou-a e disse-lhe que nunca tinha visto um gorila com caracóis louros. Finalmente, de volta a terra firme, Millie conduziu todos num vibrante coro de «Parabéns a Você».

Mais fotografias. Mais pessoas a dizer-lhe que ela era ótima. Deram-lhe uma salva de palmas. Ela já não estava num palco velho qualquer, era Shirley Bassey respondendo às chamadas ao palco depois de um espetáculo com lotação esgotada no London Palladium.

— Foi a minha primeira vez — confidenciou alegremente Millie a James quando já estava de saída.

— Não te preocupes, — disse-lhe James, — nós também nunca dizemos aos nossos pacientes. — Sorriu. — Por algum motivo eles preferem não saber.

De regresso a casa por volta das quatro da tarde, ainda cheia de adrenalina, Millie sentiu-se tão tentada a lavar o cabelo (a cabeça de gorila tinha-o achatado completamente), a refazer a maquilhagem, a receber Hugh à porta com a notícia de que afinal já estava de volta e a regalá-lo com a história do seu magnífico triunfo.

Mas esse era o tipo de comportamento que ele esperaria de uma rapariga tão pobre na arte da sutileza que deixara deliberadamente o sutiã rendado no chão do seu carro.

Era o tipo de coisa que Hester faria.

Não posso abrir a porta quando ele chegar, pensou ela.

Nem a janela.

Hugh estava atrasado. Afinal, já não ia. Apercebera-se de que não suportava separar-se do seu irresistível e dramaticamente almofadado sutiã encarnado, fantasiou Millie. Talvez ele próprio o quisesse usar.

Às cinco e meia, espreitando atrás das cortinas do quarto de Hester, Millie avistou o carro dele parar em frente a casa. Atirou-se instantaneamente, estilo franco-atirador, para o chão.

Ele tocou à campainha e esperou. Estava a certificar-se primeiro de que ela não estava em casa. *Está a ser apenas educado*, pensou Millie. *Não posso, de forma nenhuma, atender a porta.*

Deslocando-se rapidamente como um caranguejo sobre a alcatifa do quarto de Hester, foi até ao patamar e observou, de nariz encostado ao chão, a portinhola de metal oscilar e uma alça de cetim escarlate aparecer pela ranhura do correio. Por um momento, imaginou-se a agarrá-lo e a pregar um susto a Hugh. Céus, uma disputa por causa do sutiã, que ideia tão imatura!

No instante seguinte, um flash de rosa-fúcsia apareceu ao lado do contorno escuro de Hugh através do vidro fosco da porta da rua. Millie paralisou alarmada quando ouviu Hester dizer animadamente: — Olá! Eu sei quem tu és!

Merda, merda. Eram cinco e meia e Hester — com o habitual timing hediondo — tinha escolhido aquele momento para chegar do trabalho. Pior ainda — oh, Deus —, estava toda *animada*.

— Também sei quem tu és — disse Hugh.

A caixa do correio fez ruído, a alça do sutiã mexeu-se.

— E andas por aqui a roubar roupa interior, — perguntou Hester alegremente, — ou a entregá-la?

— Não roubaria este sutiã — Millie ouviu Hugh dizer seriamente. — Não é o meu tamanho.

— Oh... ah, ah, ah, ah, ah! — riu histericamente Hester, exagerando como era habitual.

— A Millie deixou-o no meu carro. Caiu da mala dela — explicou Hugh.

— Mas ela não está? São cinco e meia, ela devia estar!

— Toquei à campainha. Ninguém respondeu.

— Bem, não podes simplesmente enfiar um sutiã na nossa caixa do correio e fugir! — exclamou Hester. — A Millie estava com receio de nunca mais voltar a ver-te!

No patamar do piso superior, Millie emitiu um gemido baixo e bateu desesperadamente — mas silenciosamente — com a cabeça contra a alcatifa.

— Seja como for, — continuou Hester a tagarelar, — ela deve estar mesmo a chegar a casa, por isso porque não entras e esperas por ela? Podias tomar alguma coisa e conversávamos um bocadinho.

Não, não, nããããooooo, gritou Millie em silêncio, começando a recuar atrapalhadamente pelo patamar. Mas o voto silencioso não resultou. Ela já devia saber isso. Hester era demasiado insistente e Hugh demasiado educado. Ele não conseguiu simplesmente recusar.

De volta ao quarto de Hester, escondendo-se no espaço entre a cama e a janela, Millie ouviu o clique familiar da chave de Hester na fechadura. Céus, estava tudo empoeirado ali, ela esperava não desatar aos espirros.

E esperava certamente que Hester não estivesse a fazer contas de se

aproveitar da incapacidade de Hugh para dizer não para o arrastar até ao quarto e lhe lembrar o que ele tinha andado a perder todos aqueles meses.

Embora, se tal acontecesse realmente, fosse ótimo para ela aparecer subitamente do nada, bater no ombro de Hester e anunciar: — Acho que me deves duzentas libras.